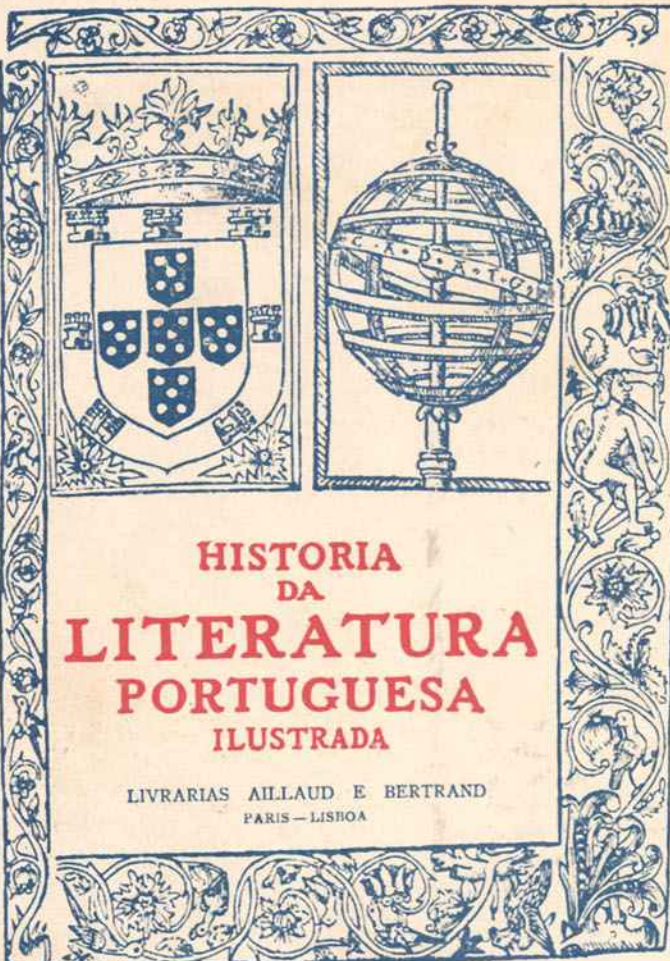


# ILUSTRAÇÃO

VROCHA/  
1928





**HISTORIA  
DA  
LITERATURA  
PORTUGUESA  
ILUSTRADA**

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND  
PARIS — LISBOA

**BOLETIM DE ASSINATURA**

*Desejo assinar a HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA por.....  
.....(3 meses, 6 meses, 1 ano ou receber pelo correio contra reembolso, conforme assinatura especial abaixo indicada).*

NOME .....

MORADA .....

Lisboa, ..... de ..... de 192.....

ASSINATURA .....

**PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS**

CONTINENTE E ILHAS :

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra reembolso (só para o continente e ilhas) ..... 11\$50

Assinatura (pagamento adiantado) ..... 30\$00 59\$00 118\$00

REGISTADO

AFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHA .....	34\$50	67\$00	132\$00
INDIA, MACAU e TIMOR.....	36\$00	79\$00	138\$00
ESTRANGEIRO .....	37\$00	72\$00	142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

**HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA**

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE  
**ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO**  
1.ª Academia das Ciências de Lisboa

**ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES**

- AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.  
AFONSO DE BORDENES, da Academia das Ciências de Lisboa.  
AGOSTINHO DE CAMOIS, da Academia das Ciências, professor.  
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.  
ANTÓNIO BAIÃO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.  
AUGUSTO GL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.  
BRITO CAMALHO, escritor.  
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *História da Colonização do Brasil*.  
CRISTÓVÃO AÍRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.  
COELHO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.  
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.  
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.  
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.  
HENRIQUE DE VASCONCELOS, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.  
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.  
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.  
JOAQUIM LEITE, da Academia das Ciências de Lisboa.  
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.  
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.  
JOSÉ JOAQUIM NEVES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.  
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.  
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos complementares na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
JULIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.  
LUIZ XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.  
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.  
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa.  
MOISÉS BENKASAT AMZALACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.  
P. M. LARANJO COELHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.  
QUIRÓS VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.  
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.  
S. COSTA SANTOS, escritor.

**EDIÇÃO MONUMENTAL**  
**A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA**

(FORMATO 32 x 25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PÁGINAS,  
ÓTIMO PAPEL COUCHE,  
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

CONTERÁ biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-similes de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a cores.

CONSTITUINDO um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosíssima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALIZADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO  
CADA TOMO..... 10\$00

## **SALÃO DE OUTONO**

**DA ELEGANCIA FEMININA  
& ARTES DECORATIVAS**

PROMOVIDO POR **VOGA**, O GRANDE  
SEMANARIO FEMININO

• *PALÁCIO DAS BELAS ARTES*  
(Rua Barata Salgueiro)

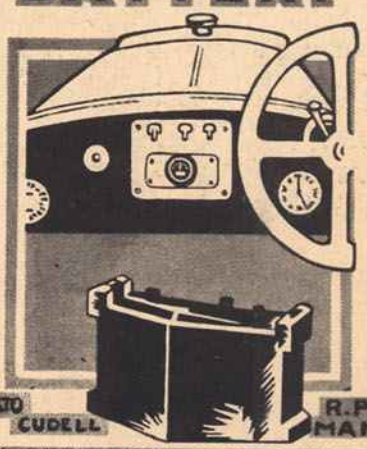
O mais formoso espectáculo de  
Lisboa — Concertos — Os melho-  
res artistas portugueses e estran-  
geiros — Desfile de modelos de  
"toilette" em manequins vivos  
— Exposição de artes industriais  
e comerciais — Modas e novida-  
des — Chás dançantes — Bailes —  
Orquestras permanentes — A já  
célebre "Voga Melody Band"

**ENTRADAS DE BENEFICENCIA**

Os criadores de modas **SANTOS & JULIO**, Rua Nova do Almada — ofereceram um suntuoso  
modêlo de "toilette" para ser sorteado pelas Ex.<sup>mas</sup> frequentadoras do Salão da Voga. As  
senhas que habilitam ao sorteio vendem-se no Palácio das Belas Artes e na Livraria Bertrand  
— Chiado e o seu produto reverte para os pobres

# Exide

THE LONG LIFE BATTERY



Eng. ROBERTO CUDELL. Póats R. PA/JO MANOEL

REPRESENTANTE EXCLUSIVO

modernise também o seu estomago



"SAL de FRUCTA" ENO'S "FRUIT SALT"

As necessidades da vida moderna obrigam a comer depressa. D'ahi arriscar-se uma pessoa a sofrer incomodos resultantes das refeições precipitadas, e que são as digestões, difíceis e dolorosas. Como precaver-nos contra esses incomodos? Tomando de manhã e à noite uma colher das de café de Eno's "Fruit Salt" num copo de agua. Eno é uma preparação salina efervescente, que assegura, em qualquer circumstancia, o funcionamento normal dos orgãos digestivos.

Está sempre a marca ENO'S "FRUIT SALT"

As palavras "Fruit Salt" e "Eno" são marcas da fabrica registadas.

Depositaríos em Portugal:  
ROBINSON, BARDSLEY, & C<sup>o</sup>. LTD. 8, Caes do Sodré, LISBOA



# ACMÉ

O MELHOR SISTEMA DE FIXAS PARA ORGANISAÇÕES COMERCIAIS

AGENTE GERAL:  
J. GONÇALVES  
Calçada do Carmo, 10  
LISBOA

LISBOA - MADRID

NOS

# JUNKER'S

às 3.<sup>as</sup>, 5.<sup>as</sup> e sabados

PREÇO . . . . . Esc. 500,500

15 quilos de bagagem livre

Serviços Aereos Portugueses, Ltd.  
Avenida da Liberdade, 3

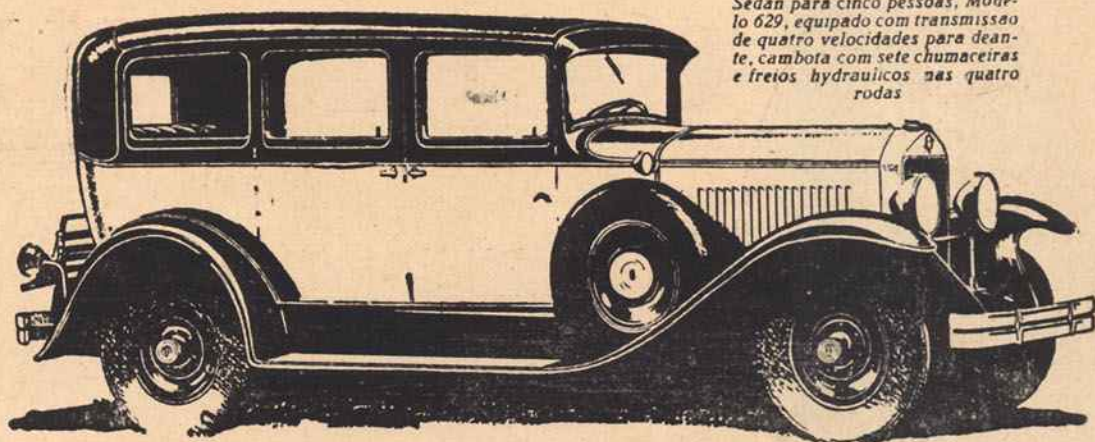
# NYTHIS

Parfuma de GELLÉ FRÈRES PARIS



ESSENCIA DO DE ARROZ  
LOÇÃO  
AGUA DE COLONIA  
SABONETE

Ex. Varela, av. Ind. e Com. de Lisboa, 100  
Agentes gerais STEINER & CO. S. de Lisboa e S. de Lisboa



Sédan para cinco pessoas, Modelo 629, equipado com transmissão de quatro velocidades para diante, cambota com sete chumaceiras e freios hidráulicos nas quatro rodas



## Verdadeira diferença no funcionamento

**Quatro modelos com 4  
velocidades, a 3.<sup>a</sup> e a 4.<sup>a</sup>  
silenciosas.**

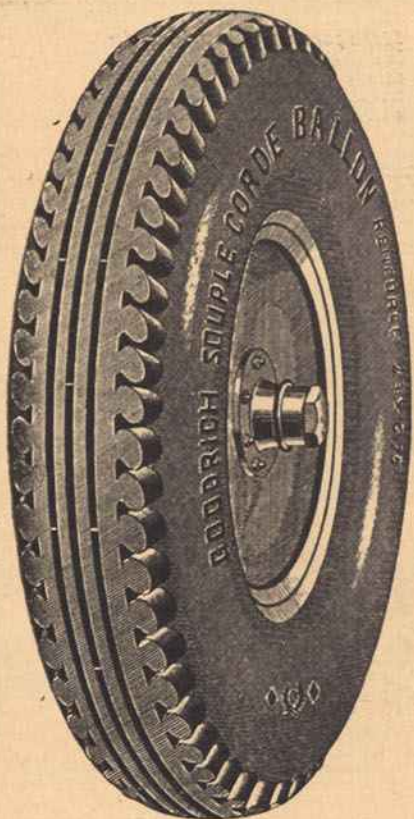
Cinco chassis de Seis e Oito Cilindros, com o mais completo e variado sortimento de carrocerias, por um preço que se acha ao alcance de quasi todos os que pretendem comprar um automovel

Experimente dirigir um dos modelos Graham-Paige de quatro velocidades. Não será preciso aprender nada de novo. A posição das mudanças é a do typo «Standard». Mas no seu funcionamento ha uma diferença real, —no meio de trafego pesado, nas estradas reaes e para vencer as mais ingremes rampas. Tudo quanto desejamos é que V. S. possa notar e admirar essa diferença.

*Joseph D. Graham  
Robert C. Graham  
Ray A. Graham*

Unico concessionario para Portugal:  
J. COELHO PACHECO  
21, Avenida da Liberdade  
Stand e garage: 90, 92 e 94, Rua Braamcamp  
Telefone: Norte 2595  
LISBOA

# GRAHAM-PAIGE



# GOODRICH

O PNEUMATICO MAIS  
RESISTENTE E DE  
MAIOR RENDIMENTO

AGENTES GERAIS:

OREY, ANTUNES & C.<sup>A</sup> L.<sup>DA</sup>

4, P. Duque da Terceira  
LISBOA

59, Avenida dos Aliados  
PORTO

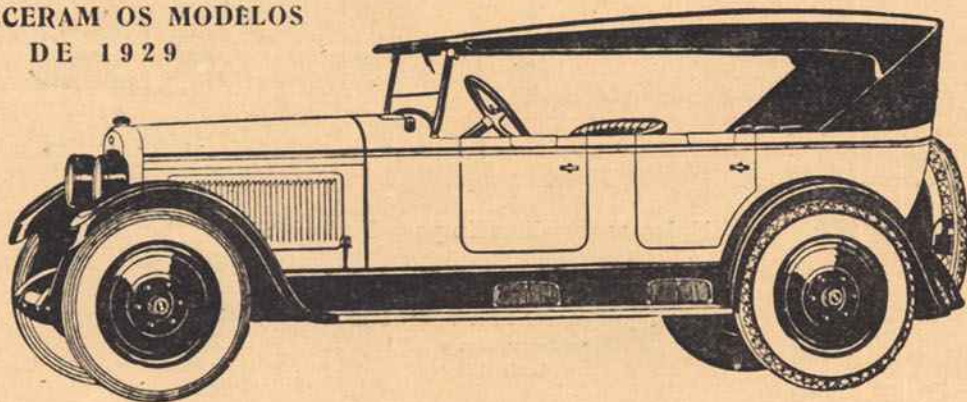
OS MAIS PRATICOS E RESISTENTES

## AUTOMOVEIS

DIVERSOS TIPOS

O CARRO UTILITÁRIO

APARECERAM OS MODELOS  
DE 1929



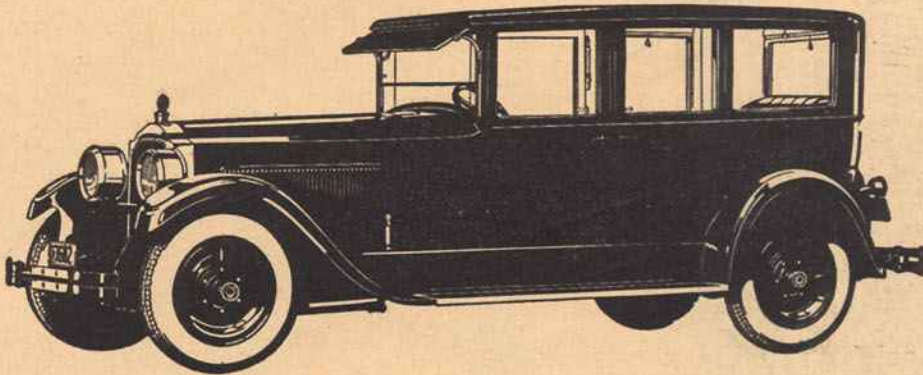
AGENTES GERAIS: OREY, ANTUNES & C.<sup>A</sup> L.<sup>DA</sup>

4, Praça Duque da Terceira — LISBOA

59, Avenida dos Aliados — PORTO

# Packard

SÓ FABRICA CARROS DE 8 CILINDROS CHASSIS CURTO  
CHASSIS LONGO  
O MAIS ELEGANTE DOS CARROS



MODELOS 1929 JÁ A VENDA



PEDIR INFORMAÇÕES E VISITAR O NOSSO

SALÃO DE EXPOSIÇÃO:  
4, Praça Duque da Terceira (Cais do Sodré)

AGENTES GERAIS

OREY ANTUNES & C.<sup>A</sup> L.<sup>DA</sup>  
LISBOA—PORTO

R



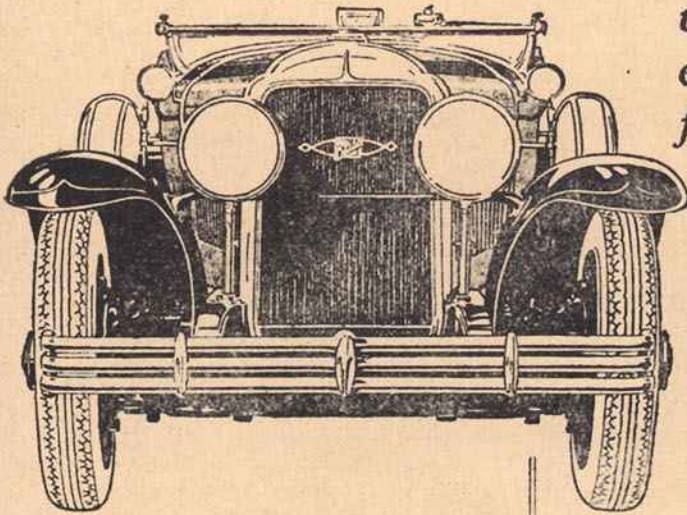
**BERTI AND  
IRMÃS, L. DA**

**FOTOGRAVADORES  
TEL. T. 96  
T. DA CONDESSA DO RIO  
27**



# O Buick 1929 - depois de 25 ânos de constante supremacia

*E' hoje, mais que nunca, ultramoderno em estilo, em aspecto e em aperfeiçoamentos mecânicos*



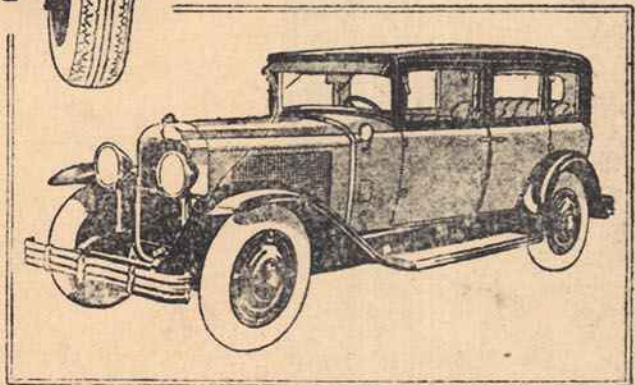
**A**TE hoje tem o Buick conservado a posição única e saliente que criou pelas suas notabilíssimas qualidades. Tem sido o preferido entre os carros de luxo. E hoje com o modelo 1929, tão cheio de aperfeiçoamentos na sua carroserie como na sua parte mecânica, mais firmemente se conserva no posto que conquistara, ainda não atingido por qualquer outro carro.

Em aspecto é inteiramente novo, de pontos de vista e de lado a lado. As linhas, mais compridas e mais baixas de um traço ainda mais harmónico e suave, tornam o Buick 1929 um carro que é o exemplo da juventude e da elegancia. As carroseries, em todo o luxo dos seus pormenores, revelam a arte que conquistou para Fisher a designação de mestre-carrossier.

### *Grande aumento de velocidade e accleração*

Ao introduzirlhe um grande numero de aperfeiçoamentos mecânicos, conseguiram os engenheiros do Buick fazer o famoso motor, de valvulas na culatra, capaz de ainda maiores velocidades. Verificarse-há, tambem, que a já famosa reprise do Buick se alargou no modelo de 1929.

No espaço de 25 ânos venderam-se, em todo o mundo, mais de 2 000.000 de carros Buick. Esta notavel preferencia tem-lhe sido principalmente dada por aquêles que exercem profissões em que as



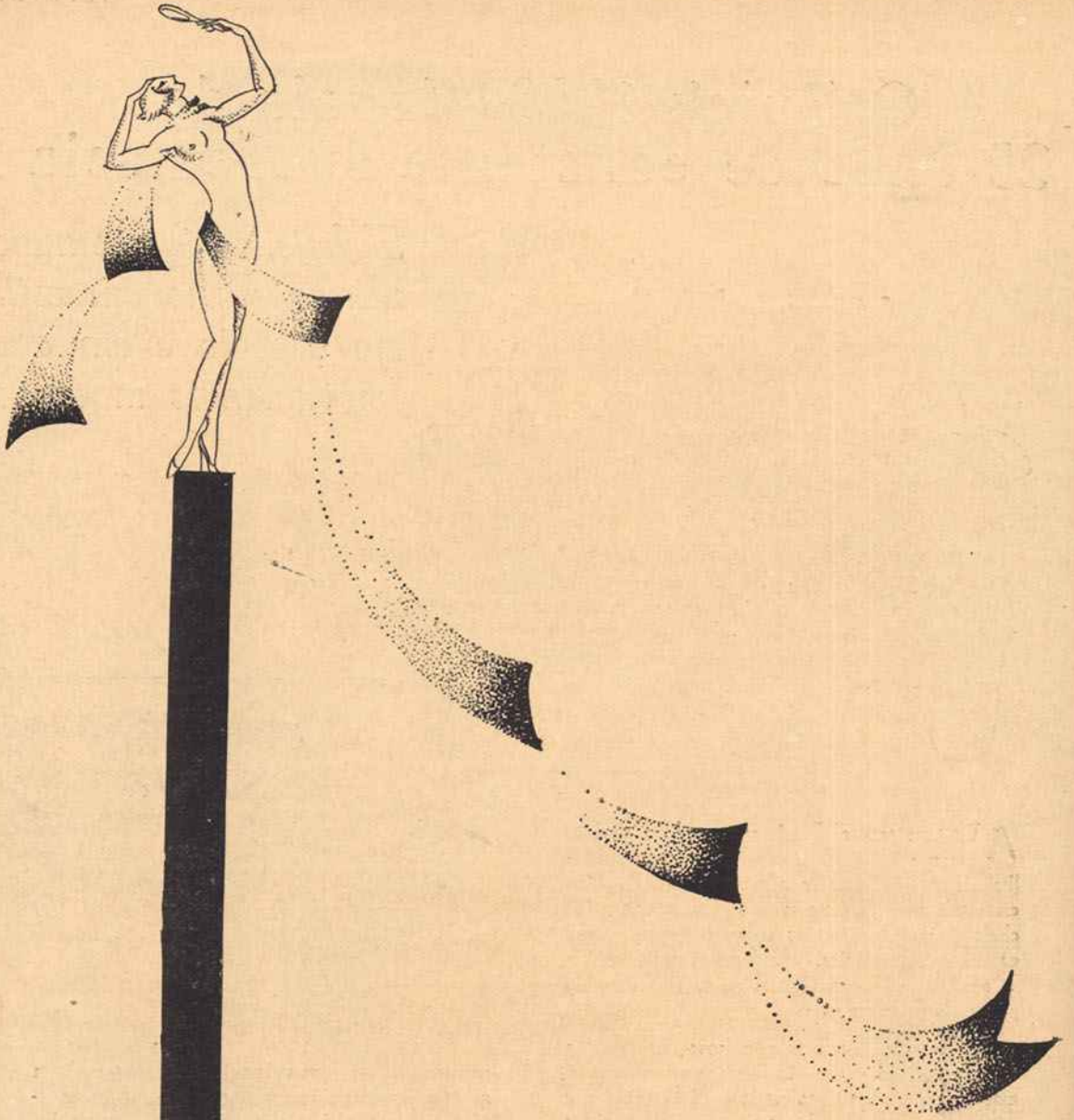
necessidades de uma vida activa se conjugam com as necessidades de uma vida elegante. Só em Portugal e Espanha, é curioso notar o numero de individuos da alta finança e das profissões liberais que são donos de Buicks.

### *Principais características do novo Buick*

**Carrosserie.** — Linhas harmónicas e esportivas. Radiador mais profundo de desenho completamente novo. Carrosseries Fisher, elegantes e de alto estilo. Novas e atraentes combinações de cores. Lugares dianteiros ajustaveis aos modelos fechados.

**Aperfeiçoamentos mecânicos.** — Um notavel aumento de velocidade. Maior accleração. Maior distancia entre eixos. Uma bomba mecânica para a gasolina que assegura o combustível em todas as condições. Farôes assentes directamente no chassis. Todas as superficies niqueladas em cromo sobre niquel.

GENERAL MOTORS PENINSULAR S A



**OLINE**  
produits de beauté

• Ressurreição, Lda. - R.S. Paulo, 55-3º - Agente em Portugal e Colónias •

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
TIPOGRAFIA  
DA «ILUSTRAÇÃO»  
R. d'Alegria, 30 — Lisboa  
REDACÇÃO  
R. Ceclio de Sousa, 77-1.º  
(Ant. R. da Procissão)  
Telef. N. 873

# ILUSTRAÇÃO

PROPRIEDADE E EDIÇÃO:  
AILLAUD, L.<sup>DA</sup>  
R. Garrett, 73, 75—Lisboa  
ADMINISTRAÇÃO  
Rua Anchieta, 25  
Telef. C. 1084

DIRECTOR-DELEGADO: JOÃO DA CUNHA DE RÇA  
DIRECTOR: JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Ano 3.º — N.º 70

16 DE NOVEMBRO DE 1928



DUAS EXPOSIÇÕES NOTÁVEIS. — EM CIMA: — A inauguração da Exposição da Livro Portugal em Madrid, notável exemplo da nossa mentalidade. A chegada de S. M. D. Alfonso XIII, que inaugura a exposição, sendo recebido pelo Ilustre Embaixador de Portugal, sr. Melo Barreto, de esquerda de El rei, a cuja alta influência e enorme prestígio se deve, na maior parte o êxito alcançado pelos expositores portugueses e por Portugal. (Foto Ortel). — EM BAIXO: — Na inauguração do Salão de Outubro da Elegância Feminina e Artes Decorativas promovido pela Luxa. A visita do Chefe do Estado. Da esquerda para a direita: O escultor António da Costa, o nosso colaborador Théres de Carvalho, Novais Teixeira, nosso representante em Madrid; o grande ourão madrileño Walken, expositor; o sr. Presidente da República, João de Sousa Fonseca, João da Cunha de Rça e Raúl Abreu (Ídolo), director da Sociedade Nacional de Belas Artes. — (Foto Illustração).

# CRONICA DA QUINZENA

Dois factos notáveis, ambos de politica externa, há que registar nesta crónica da quinzena — a eleição do Presidente da República, nos Estados Unidos da América, e a queda do governo presidido pelo sr. Poincaré, em França.

Dentro de cada Nação os círculos sociais são de cada vez menos fechados, e os homens são de cada vez mais solidários. Dentro de cada continente as nações adelgaçam de cada vez mais as suas fronteiras, que já deixaram de ser muralhas espessas, como a da China, para serem pouco mais que linhas geométricas. O individualismo nacional durará ainda, Deus sabe por quanto tempo, anos ou séculos; mas a vida internacional é de cada vez mais larga e mais intensa; as relações entre os povos, mesmo entre os que têm vivido, pela História fora, guerreando-se à mão armada, são de cada vez mais numerosas e mais estreitas. E estas relações estabelecem-se e mantêm-se, não apenas por cima das fronteiras, mas também por cima dos oceanos, que só não se consideram fronteiras entre os continentes, porque o Mar é de todos, o *mare universum*, uma espécie de terra de ninguém, *mare liberum* fora das águas territoriais.

Nunca a Europa foi indiferente aos successos políticos da América, e muito menos o poderia ser agora, depois da guerra, tornada manifesta a sua ambição de pesar na vida e nos destinos do velho mundo, onde a trouxe um alto pensamento político sob o disfarce dum impulso generoso, a combater pela justiça, pelo direito, pela civilização, ameaçada por essa ordem de selvagens que habita a terra germânica, pátria de filósofos como Kant, de sábios como Humboldt, de poetas como Goethe, de músicos como Wagner.

A velha fórmula do presidente Monroe — a América para os americanos, mantêm-se ainda, praticamente, mas a tendência chauvinista é para a fazer mais ampla, mais larga, impedindo zelosamente toda a influência estranha na vida de Federação, e ao mesmo tempo fazendo entrar na esfera de influência americana, por ora só a Terra, mais tarde algum outro planeta mais próximo, que se verifique ser habitado, quando neste microcosmo terráqueo já não houver consumo suficiente para a sua crescente produção.

Já se faz sentir na Europa o imperialismo económico e financeiro da América; o seu imperialismo político, que por enquanto não passa de tendência ambiciosa, quando se julgar bastante forte para articular as suas exigências, para criar ao velho mundo terríveis complicações.

O sr. Hoover, presidente eleito pelos repu-

blicanos, por muito forte que seja a sua personalidade, e ele é considerado, no seu país, à semelhança de Roosevelt, uma *strenuous personalities*, há de ater-se o mais possível ao programa do seu partido, no que ele tem de fundamental, que para isso o elegeram.

Ora o partido republicano, na América, é imperialista, não de agora, mas de sempre. Como o presidente, nos Estados Unidos, exerce a plenitude do Poder Executivo e dirige a seu talento, sem subordinação ao Poder Legislativo, a politica das relações exteriores, bem pode o sr. Hoover, se isso estiver no seu feitio e entrar no seu programa de governo, orientar a sua acção governativa por forma que as grandes potências da Europa, ao invés do que disse o Pecta, deixem criar à porta, cada uma delas, o inimigo, por se verem ameaçadas dentro, ao longe.

Quem sabe?

Talvez que este mal viesse por bem, antecipando-se a organização dos Estados Unidos da Europa, sonho de almas generosas, que nas grandes federações vêem a condição indispensável, mas segura, duma paz firme e duradoura.

O sr. Hoover, se conungar na ortodoxia do seu partido, é protectionista feroz, e não hesitará em servir-se das tarifas alfandegárias para bem servir o seu imperialismo económico.

• • •

A queda do governo a que preside o sr. Poincaré, uma das figuras de maior relevo e prestígio não só da França, mas do mundo inteiro, na hora que passa, é também, como atrás ficou dito, um facto notável que importa considerar nas suas causas e também nas suas possíveis consequências.

O sr. Poincaré organizára o seu ministério por forma a assegurar-se o apoio e a colaboração de todos os grupos em que se divide e subdivide a fauna política, em França. De chefe de Estado passou a chefe do governo, e teve artes de meter seis presidentes do ministério na baraca governativa entregue aos seus talentos de piloto, habituado a navegar em águas procelosas. A fortuna serviu bem a sua audácia, e a não se dar uma grave

insubordinação a bordo, com origem numa tempestade em terra, o illustre representante da gloriosa dinastia dos Poincarés, teria chegado ao termo da sua derrota, deixando resolvidas, plenamente resolvidas, todas as dificuldades que fora chamado a resolver. O talento faz destes milagres, mas tão somente onde os pirilampus não se impõem como estrelas, nem as rãs, a coaxar no pântano, querem voar como as águias.

Qual foi a causa imediata, determinante ou simplesmente ocasional, da queda do ministério Poincaré?

Foi o artificio político de introduzir num texto legal, regulando matéria de finanças, uma disposição legislativa que lhe mudava o sentido e criava situações jurídicas brigando com o direito em vigor. O que o sr. Poincaré agora fez, abrindo uma excepção infeliz nos costumes parlamentares da França, com relativa frequência se fazia nos Estados Unidos da América, onde é rigorosa, como em parte nenhuma, a separação dos Poderes. Sob a forma de *aditamentos — political riders*, introduziam as Câmaras na lei orçamental ou numa simples lei de créditos uma disposição legislativa de ordem geral, por forma a que o presidente não pudesse exercer o seu direito de veto sem ficar privado de recursos para governar. Esta justiça durou por muito tempo, até 1882, acabando de vez, condenada pelo Congresso, que para esse efeito alterou o seu Regulamento.

Mal se compreende que o sr. Poincaré pretendesse fazer passar os artigos 70 e 71 da lei orçamental, iludindo a fiscalização do Parlamento, descendo à prática duma operação de contrabandista, que furta aos direitos artigos do seu comércio.

Não deve ser fácil arrancar ao Parlamento francês um diploma legal que permita às congregações, incluindo os jesuitas, estabelecerem-se nas colónias e na metrópole, reintegradas numa situação jurídica que perderam, porque constituía um perigo sério para a República, ameaçada nas suas instituições mais liberais.

Os artigos 70 e 71 seriam a paga do bom serviço que à França prestou o Vaticano, no famoso caso da *Action Française*?

A França, na verdade, é um país católico, mas também é um país profundamente republicano e sinceramente democrático, da boa e sã democracia, de que a República não é mais de que a expressão política, sob a forma de Estado.

ESTE NUMERO FOI VISADO  
PELA COMISSAO DE CENSURA

BRITO CAMACHO.

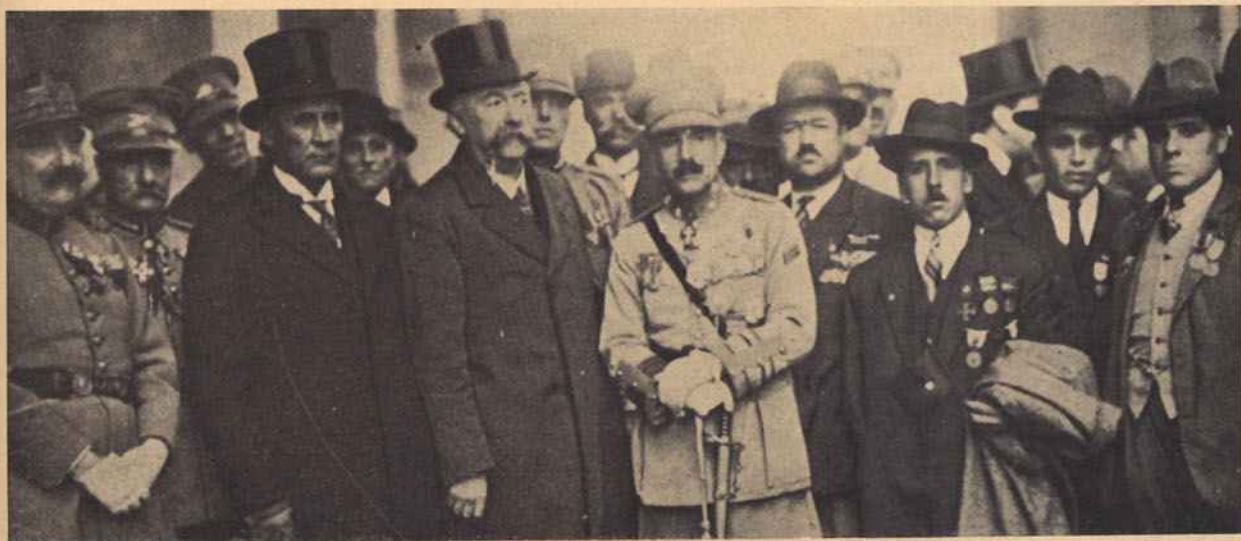
## ACONTECIMENTOS DA QUINZENA



Casamento da sr.<sup>a</sup> D. Virgínia Bonaventura da Silva com o sr. dr. Fernando Baptista da Silva na igreja de S. Jorge de Arroios. Os noivos saindo do templo



Casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Helena de Almeida e Abreu (Idathia) com o distinto tenente aviador sr. Tadeu Lopes da Silva. Os noivos com os pais e convidados, na quinta Nova da Assunção, em Belas, residência do sr. José Maria Veiga Régo



EM CIMA: — Chegada a Paris dos mutilados portugueses e do general Craveiro Lopes que representou o exército na cerimónia da entrega do Padrão de La Comfère, comemorativo do esdórgo heróico dos portugueses na Grande Guerra. O general Craveiro Lopes com o ministro de Portugal em Paris, o coronel Marfcl Ferreira e altas personalidades francesas

(Foto H. Manuel — Exclusiva da «Ilustração»)

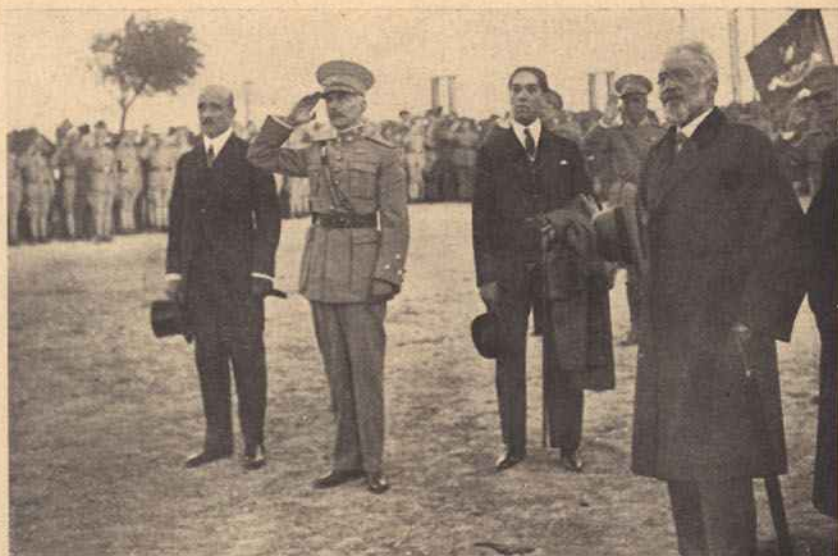
A ESQUERDA: — A comemoração do armistício em Lisboa. Os representantes dos Combatentes estrangeiros e da Liga dos Combatentes da Grande Guerra ante o local em que se há-de erigir o monumento aos mortos da guerra



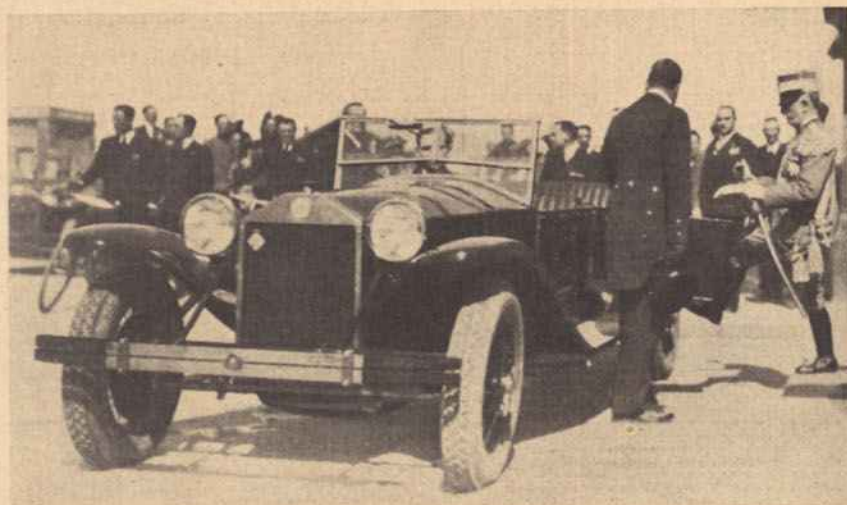
EM CIMA: — As festas da fundação da cidade de Lisboa — o momento em que, no Castelo de S. Jorge, se jogou a bandeira da cidade.

A DIREITA: — O último retrato de Sua Magestade o rei de Itália. O soberano cuja acção política é a mais discutida actualmente na Europa entrando para o seu exílio a salda de uma exposição de que recentemente inaugurou.

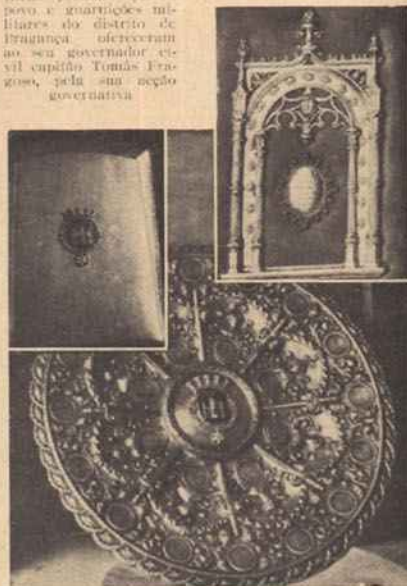
EM BAIXO: — Aspecto da linha representativa da casa Junkers construtora dos famosos aviões, no certame aeronautico de Berlim, vendo-se o avião gigante G 31 — chamado o «Pallman do ar».

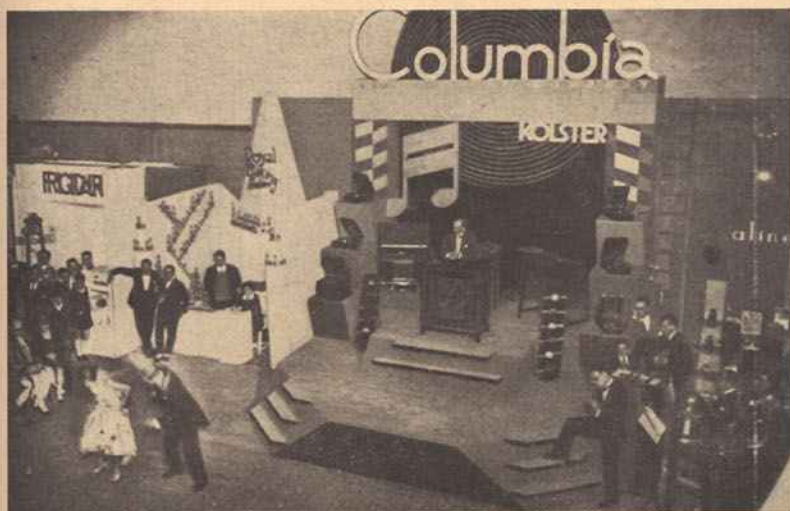


Os srs. Presidente da República, presidente do Ministério, ministros da Instrução e Estrangeiros, na cerimónia levada a feito no Castelo de S. Jorge como comemoração da fundação de Lisboa.



Ricas prendas que a povo e guardiões militares do distrito de Bragança interceperam ao seu governador ex-vil capitão Tomás Fragozo, pela sua acção governativa.





Um aspecto da recinto de exposições do Salão quando dançavam Francis e Natucha

## O I SALÃO DE OUTONO DA ELEGANCIA FEMININA & ARTES DECORATIVAS

PROMOVIDO POR «VOGA»  
NO PALACIO DE BELAS ARTES

Pode bem classificar-se como o maior e mais retumbante sucesso deste mês em Lisboa e no país inteiro, o magnífico certame de artes industriais e comerciais que a Voga levou a efeito, num estêreo itálico. Sendo uma tentativa, surpreende a sua perfeita realização. Comparando este Salão com as grandes feiras e exposições mundiais e famosas de há muitos anos, só se lhe pode notar diferenças de tamanho. No demais, tudo se aproxima muito da perfeição. É um belo triunfo do progresso, pelo qual há que dar parabéns aos organizadores, aos artistas que realizaram superiormente os seus stands, e ao comércio que ali se fez representar e que se classificou como uma «élite» entre o comércio de Portugal.



O stand de António Bargaibe, engenheiro, grande êxito das geladeiras «Kelvinator» e aparelhos «Electricos de imagens»



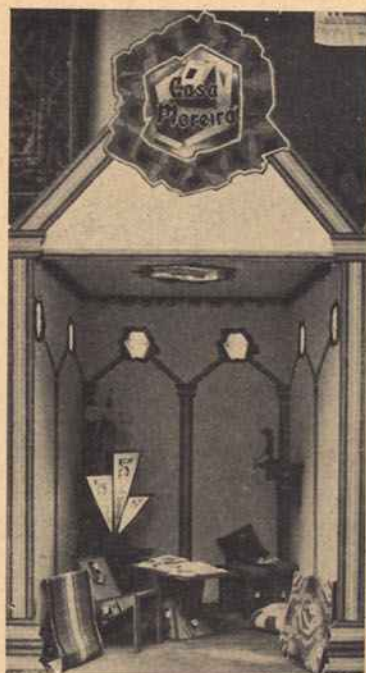
Na visita do sr. Presidente da República S. IX.<sup>a</sup> no stand da Companhia dos Telefones aproveita a central privada para falar com... o sr. Visconde da Idanha, director da Sociedade das Belas Artes, que está a dois metros de distância



Um formoso aspecto parcial do Salão da Voga durante uma das «matinées»

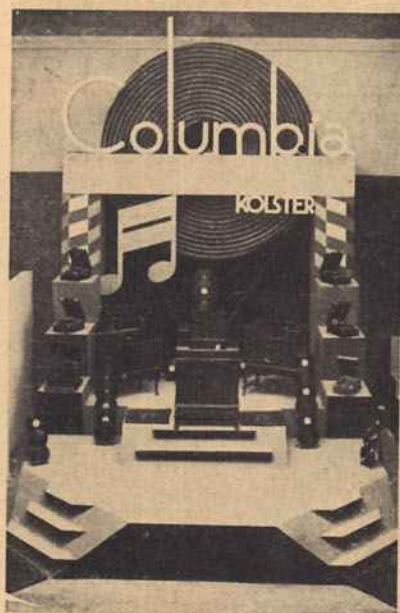


O lindo stand de Aç. Brites, perfumistas alamedas, criação elegantíssima de Amílcar Pinto, que tem causado grande êxito



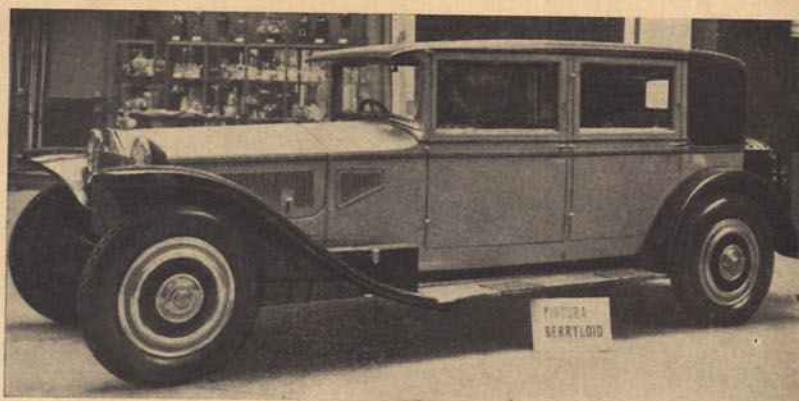
EM CIMA, à direita: — Aspecto de um dos recantos do Salão após a abertura do certame pelo sr. Presidente da República.

À ESQUERDA: — O curioso stand da Casa Francisco António Moreira L.<sup>da</sup>, decoradores artistas.



Outro aspecto do Salão onde se veem os stands da Casa Chinesa, Companhia dos Telefones, Ach. Brito e Foga.

O famoso stand que Martins Barata realizou para a «Columbia» (P. Santos & C.<sup>da</sup>) — Chindo e onde toca o Electrofone Kolster, um grande êxito do Salão da Foga.



Uma obra curiosíssima de Emmerico H. Nunes e Cunha Barros. O stand do fermento culinário «Royal Baking Powder» João Machado da Conceição & C.<sup>da</sup> L.<sup>da</sup>.

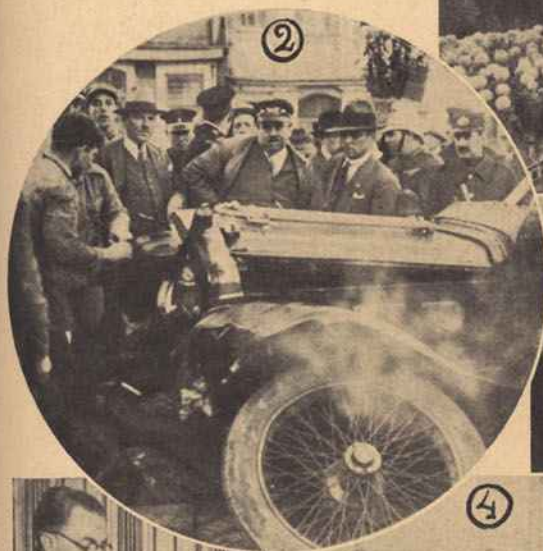
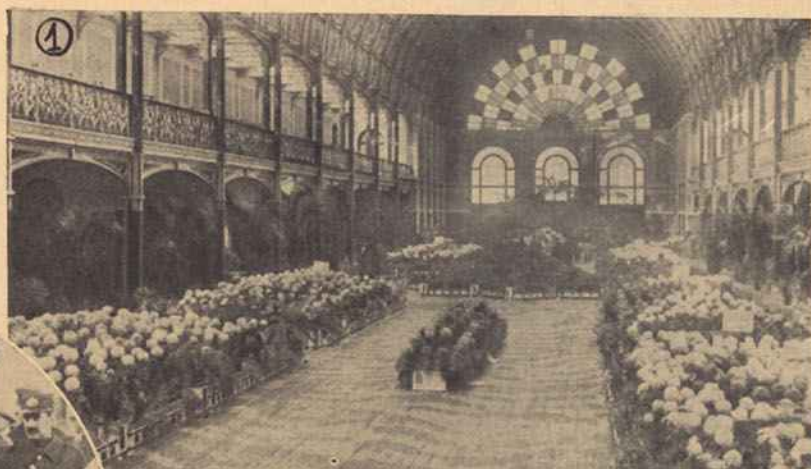
Um êxito absoluto do Salão da Foga — O Lancia da firma Teixeira e Ferreririnha, do Bôro, carroçado e parcialmente por Farina e pintado a Berryloid.

(Fotos «Ilustração».)



# PELO PORTO

1—Aspecto da formosíssima exposição de crisântemos realizada na simpática nave do Palácio de Cristal pelos afortunados horticultores Mexeira da Silva & Filhos. 2—Choque de automóveis entre o promotor do Corpo de Salvagem Pública e outro veleiro. Estado em que ficam o prumo-socorro. (Foto obtida minutos depois do desastre)



3—A inauguração, no Salão Silva Porto, da exposição de pintura do ilustre artista José de Brito. 4—Abertura solene das aulas na Universidade do Porto. O professor dr. Amâncio Pires de Lima lendo a «Oração de Sapientias». 5—A missão de estudo para a construção dum campo de aviação no Porto, inspecionando alguns terrenos indicados, vendo-se o piloto-técnico Pellegand (x) e o sr. António de Eça de Queirós (xx). Ilustre director dos Serviços Aéreos Portugueses. 6—Homenagem à memória do benemérito professor Augusto Lessa. As crianças da Escola Primária Oficial de Paranhos dirigindo-se para o cemitério. 7—Na Faculdade de Medicina. Homenagem à memória do professor dr. Luís Viegas falecido há um ano. O professor Pires de Lima lendo o seu discurso.

(Fotos A. Martins).



MR. SMITH

Prestigioso governador de Nova York, candidato que reunia o maior número de probabilidades de ascender à presidência da República unitária da América do Norte e que, com surpresa geral, foi derrotado por Mr. Hoover, sendo vencido até na própria cidade de que é governador.



PHILIAS LEBRÉGUR

O venerando escritor e grande amigo de Portugal (à esquerda), autor das eruditas crónicas lusófilas do «Mercure de France», recebendo em Beauvais a visita do sr. Marquês de Faria.



PIETRO MASCAGNI

O grande compositor da «Cavalleria Rusticana» chegou a Paris, onde vai dirigir uma nova obra sua.

(Foto H. Manuël).

## FIGURAS DO MOMENTO

UMA VISITA A «ILUSTRAÇÃO»

Bativeram em Lisboa, nossos hóspedes, o grande fotógrafo madrileño Walken e o nosso redactor em Madrid, Novais Teixeira, que vieram assistir no Salão da Foga. A foto de baixo representa a partida dos mesmos de Madrid, do aerodromo de Getafe. Veem-se ali J. C. Walken (1), Novais Teixeira (2), M.<sup>me</sup> Novais Teixeira (3), Norberto de Araujo (4) e Felix Correia (5), os dois últimos queridos camaradas e prestigiosos jornalistas.



WALKEN E NOVAIS TEIXEIRA



EDOUARD HERRIOT

O grande político francês, antigo maire de Lyon, elemento do mais alto destaque no partido radical, cuja dissidência forçada com o governo de Poincaré obrigou à demissão deste e a uma crise ministerial que chegou a inquietar os meios internacionais mas que foi, felizmente, resolvida sem prejuízos de maior.

(Foto H. Manuël).



CAPITÃO TOMAS FRAGOSO

Prestigioso militar, governador civil de Bragança, cuja obra administrativa tem sido tão eficaz que mereceu uma calorosa homenagem do povo do distrito, elemento militar e de todas as classes sociais, que o enmularam de presentes que reproduzimos noutra página.

(Cliph. Leocádio S. Pimenta).



VARELA ALDEMIRA — Alhadas (Arredores da Figueira)

# LENORMAND

## O FAMOSO DRAMATURGO FRANCEZ

FALA  
AOS  
LEITORES  
DA  
«ILUSTRAÇÃO»

Véspera de estreia no Teatro Fontalba. Cinco da tarde, hora de ensaio. A porta do palco encontro um actor amigo.

— Queremos falar com Lenormand — digo-lhe.

— Entrem. Está aqui.

Entro com o Novais Teixeira e o fotógrafo. Silêncio absoluto e, sobre o silêncio, pespontando-o, duas vozes opacas, apagadas, mates.

O palco desguarnecido. Algumas cadeiras de palha e uma mesa de pinho. Dois reflectores assustados à scena illuminam-na desigualmente. Diante de nós, a sala vazia, com as cadeiras cobertas, parece lançar-se sobre nós. Grupos de actores, um ar um tanto de colegiais que estão para entrar a exame, conservam-se desviados do espaço central e ideal que simula a verdadeira scena.

Ao pé da caixa do ponto, de costas para a



Lenormand, com o redactor da *Ilustração* em Madrid, Novais Teixeira, e o nosso colaborador Paulino Massip

sala, sentado numa poltrona, está Lenormand. Margarita Xirgu e Afonso Muñoz, primeiro actor da companhia, ensaiam uma scena.

— Que tal, o nosso homem? — pergunto a Julita Pacheco, notável actriz, que se encontra ao meu lado à espera de turno.

— Entusiasmado. Não nos regateia elogios. É muito amável.

— Fala castelhano?

— Nem uma sílaba.

— Então, deve estar muito aborrecido.

Julita encolhe os ombros.

— Não sei.

Observo-o. Não demonstra aborrecimento. Segue os movimentos dos actores com uma viveza extraordinária, sorri, aprova com vaivens de cabeça. De vez em quando, levanta-se e faz observações, que os actores que sabem francês traduzem em voz alta. Indica a necessidade de se cortar um parágrafo que lhe parece longo. Porquê?

Num dos descansos, Margarita Xirgu, a grande actriz, dirige-se a nós.

Apresento o Novais Teixeira.

Ah, português! Fale, fale em português. Adoro esse doce e atraente idioma — diz-lhe.

O Novais não se faz rogado; e — agora que ele não me ouve — posso dizer que é o alentejo do portuguesismo. Chega a ter orgulho de falar mal castelhano porque isso põe em relêvo a sua brava condição de estrangeiro, de português. Nós somos tanto mais portugueses — julgo que pensa — quanto mais nos resistimos a adoptar formas de pensamento e de linguagem estranhas à natureza da nossa raça. Eu, às vezes, digo-lhe que isso é um exagero. Mas ele solta esse sorriso tão suave, tão português e com ele me responde. Desarma-me.

— Queremos falar com Lenormand — digo a Margarita.



Uma scena de «Les Ratés» representada em Madrid

— Esperem no meu camarim. O ensaio está a terminar e vamos já lá ter.

Dai a pouco, no camarim da ilustre actriz, somos apresentados ao grande dramaturgo francês. Recibe-nos com extrema amabilidade, mas quando sabe que vamos em nome da *Ilustração*, revista portuguesa, a sua efusão cordal ultrapassa todos os limites.

— A admiração e a estima que eu sinto por Portugal — diz-nos — é tão sincera e profunda como todos os sentimentos que nascem da gratidão. Portugal foi o primeiro país da Península Ibérica e um dos primeiros do mundo que deu a conhecer uma das minhas obras. Há quatro ou cinco anos estreou-se em Lisboa «*O homem e os seus fantasmas*». Infelizmente não pude assistir à estreia. Recebi alguns jornais e cartas de Lisboa cheias de simpatia e compreensão pela minha arte. Agradeço com toda a alma aquelas provas de afecto.

— Portugal é um país duma grande sensibilidade artística.

— Conheço-o — responde o autor de «*Les Ratés*». Por sinal — continua — a representação da minha obra produziu alguns incidentes e deu margem a polémicas e discussões.

— Porquê?

— Motivos religiosos. É um tanto estranho porque eu tinha evitado, deliberadamente, apresentar na minha obra qualquer problema religioso. Tanto que, tudo que no D. Juan clássico aparece dentro da religião, em «*O homem e os seus fantasmas*» é transposição do ocultismo para evitar qualquer choque com a Igreja.

— A pesar dessa preocupação, na obra de V. restam elementos suficientes para provocar uma discussão por assuntos religiosos.

— Talvez. Algumas vezes, a obra vai muito além das intenções do autor e este é sempre a última pessoa que se compenetra da significação que o público lhe dá.

— E a prova disso é que, em quasi toda a parte, as suas obras depararam com resistências para serem admitidas.

— É verdade. Na Inglaterra, a censura proibiu-as totalmente. Permite-se que se representem em pequenos círculos artísticos, privadamente, e por uma só vez. Posso dizer que, em geral, as minhas obras tem a opposição de todos os puritanos do globo, qualquer que seja o seu país e a sua religião. Por isso mesmo, até julgava que em Espanha encontrassem alguma dificuldade, dada a sua situação política, mas, tanto em Barcelona, há alguns meses, como agora em Madrid, não sucedem assim.

— Quando se fala das suas obras, sempre vem à baila as teorias de Sigmundo Freud, o psicópata vienense, estabelecendo-se relações entre estas e aquelas.

— É possível que existam, mas devo dizer que a maior parte das minhas obras, sobre-

tudo as mais fundamentais, já estavam escritas quando tive conhecimento das teorias de Freud. De resto, isso não quer dizer nada. Anteriormente a Freud já existiam os mesmos fenómenos de subconsciência. Ele limitou-se a dar a teoria da sua explicação. Todos os grandes poetas estão cheios de revelações, que agora se chamariam *freudianismos*. E foi o próprio Freud quem o reconheceu.

Há uma pausa e Lenormand continua:

— Também se disse que as minhas personagens se moviam dentro da órbita dumas ideias filosóficas determinadas. Não há nada disso. As minhas obras são precisamente o contrário das chamadas obras de tese. Nunca pretendi demonstrar nada, nem convencer ninguém. Só pretendi renovar os temas eternos, enxertando-os em homens do dia.

— A sua próxima obra?

— Ainda a terminei há dias. Intitula-se «*Sortilégio*». Tem três actos e apresento nela a interrogação do homem perante o destino.

— Abandona a sua técnica de quadros curtos e numerosos?

— Não. Cada tema exige uma técnica

adequada. O que se deseja é liberdade para empregar a que corresponda a cada caso.

— Os seus autores preferidos?

— Shakespeare e Calderón. «*La vida es sueño*» é uma obra capital.

— E modernos?

— Bernard Shaw e Pirandello.

— E em Espanha?

— Benavente.

— Em Portugal?

— Infelizmente, conheço pouco o seu teatro para poder julgar. Sei que está num movimento de renovação interessante e julgo que a Europa pode esperar grandes coisas desse pequeno e admirável país, cuja história é um assombro.

Margarita Xirgu faz-nos sinais dissimulados para que lhe deixemos o grande escritor. É tarde e há mais gente à espera. O fotógrafo rebenta com os seus relâmpagos. O fumo acre do magnésio invade o camarim. A nossa despedida tem caracteres de apoteose. Entre relâmpagos e nuvens. Será a glória?

Madrid, Outubro, 1928.

(Exclusivo da *Ilustração*). PAULINO MARIÉ.



Lenormand com a insigne actriz catalã Margarita Xirgu

# DE 1881 A 1928

COMO FALAVAM AO TELEFONE OS NOSSOS PAIS E COMO VIRÃO A FALAR OS NOSSOS FILHOS...

Foi em 1881 que apareceu no *Comércio de Portugal* a seguinte notícia:

«Foi dada à casa Edison Gower Bell Telephone, de Londres, a concessão das rédes telefónicas de Lisboa e Pôrto, e em 12 de Dezembro, assinada por Ernesto Rodolfo Hintze Ribeiro, era publicada a portaria autorizando a inauguração da réde telefónica em Lisboa e Pôrto!

A população estava boquiaberta com a invenção! Portugal era um dos primeiros países a ter em prática a invenção de Bell; e em 10 de Janeiro de 1882, a imprensa e convidados dos mais selectos da sociedade lisboeta, assistiam às experiências curiosíssimas entre o Largo do Pelourinho e a Rua do Alecrim! Falava-se num lado e ouvia-se no outro! Mas a inauguração oficial só foi a 26 de Abril, na Rua Nova do Carmo. Dizia o *Comércio de Portugal*:

«Presidida a este acto o digno e esclarecido director geral dos Correios, Telégrafos e Faróis do Reino, o sr. Guilherme de Barros, Alguns membros do Corpo Diplomático e Consular, muitos dos nossos principais negociantes, jornalistas e empregados da direcção geral dos correios e telefones.

Depois de vários discursos procedeu-se às experiências de correspondência e de música, havendo nas salas próximas à da sessão de inauguração, vinte telefones que communicavam com a sala de concerto situada na Rua do Alecrim, sendo o escritório da Administração da Companhia, como é sabido, no fim da Rua Nova do Carmo.

Para todos esses vinte telefones havia apenas



A secção de informações da Companhia dos Telefones no trabalho

quatro fios, e a pesar disto ouvia-se distinta e perfeitamente cantar, e tocar diversos instrumentos a uma distância não inferior a 1.000 metros, por isso que os fios iam primeiro à Estação Central, que é na Rua Larga de S. Roque.

Na sala do concerto, cantou a aplandida actriz do Teatro da Trindade, a sr.<sup>a</sup> D. Delmira Mendes, que chamada repetidas vezes pelo telefone, teve de bizar os *couplets* da «Noite e Dia» que executou com muita correcção e mimo. Obteve uma ovação, tendo os convidados, por meio de um telefone, com palmas e bravos, significado a sua admiração à inteligente e simpática actriz. Tomaram também parte no Concerto alguns outros artistas de mérito, tocando piano, «harmonium flutes», violino e flautas.

De todos os discursos há a destacar o do sr. Conselleiro Guilhermino de Barros, que entre algumas passagens, disse:

«Chama-lhe Thompson a maravilha das maravilhas e é-o sem dúvida, para nós das maiores deste século em que elle foi iniciado. Deixá-lo-há de ser, todavia, para a posteridade, que saberá achar no seio da grande, da eterna Mãe, a natureza, muitas coisas grandes e maravilhosas!

«Os homens da industria, a pesar de coevos, são já legendários endurecidos, como os que contem a guerra de Troia e a viagem de Ulysses».

Depois da inauguração oficial e pomposa, trabalhoun-se... A primeira lista de telefones, alfabética e numérica, continha-se num pequeno prospecto:

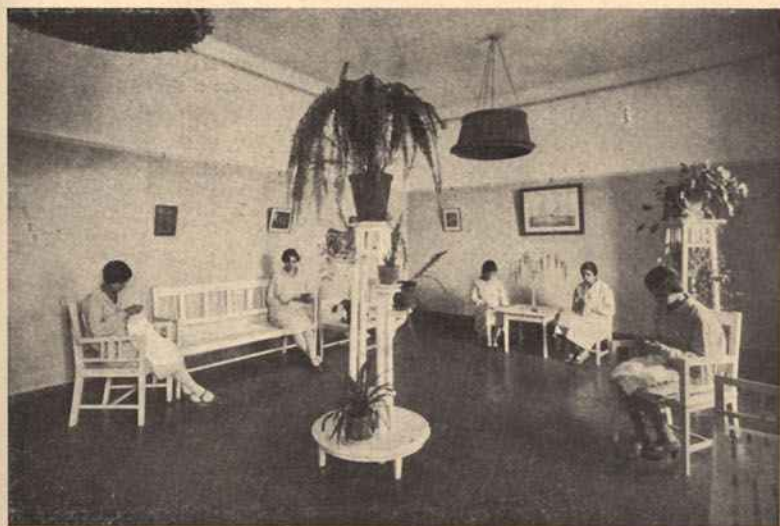
Abecassis & C. <sup>a</sup> — R. da Emenda.....	Tel. 45
Agência Havas — L. Corpo Santo.....	» 4
Bensande, Abrahão & C. <sup>a</sup> — Rua do Alecrim.....	» 91
Brito, João — R. N. S. Francisco.....	» 61
Burnay (Henry) — R. N. Trindade, 7.....	» 3
Casa Havana — Chiado.....	» 31
Cunha Porto e Irmão — L. Corpo Santo.....	» 12
Empis (Ernest) — R. N. Trindade.....	» 53
Hotel Central — Largo Pelourinho.....	» 27
Neto, António Gomes & C. <sup>a</sup> — Cais Sodré.....	» 43
Quintela & C. <sup>a</sup> — R. da Emenda.....	» 46
Ribeiro Cupertino (Dr.) — R. N. do Almada.....	» 54
Sousa Martins (Dr.) — R. S. Paulo.....	» 29

Foram estes os pioneiros do telefone em Portugal!! Pagavam por este serviço limitado, e só desde as 8 da manhã às 9 da noite, os commerciantes £ 15.0.0 e os particulares £ 7.10.0!!

Mais tarde a *Edison Bell* veio a transformar-se na «The Anglo Portuguese Telephone Company, Ltd.<sup>a</sup>», e hoje aquella dízia de assinantes está convertida em cerca de 10.000 telefones falando para cerca de cinqüenta povoações em volta da cidade... Mas este número dia a dia cresce porque a actual *tarifa* por chamadas, e a facilidade do pagamento mensal, tornaram o telefone acessível a todas as bolsas.

Todos os progressos da telefonía tem sido acompanhados pela «The Anglo Portuguese Telephone Company, Ltd.<sup>a</sup>»: Já em 1883 de accordo com a empresa Matos & Valdez, abria uma assinatura para se ouvir as óperas de S. Carlos, não se safado de casa, nos preços de 10.500 réis por cada recita ordinária, e preço variável nas recitas extraordinárias! S. Majestade D. Luís foi caricaturado por Rafael Bordalo no António Maria, a ouvir a «première» da *Laureana*, pelo telefone. Actualmente a Companhia fornece aos seus assinantes a comodidade de deitarem os seus telegramas sem sair de casa, falar para todo o Portugal onde há já réde telefónica, para Espanha, França, Inglaterra, Alemanha, Bélgica, Holanda, etc.

Amanhã, e este amanhã é já para 1929, a Companhia dos Telefones vai começar a montagem da sua réde automática. E então é que podemos avaliar o esforço dispendido pela Companhia, e a evolução rápida deste extraordinário invento, que no dizer próprio da verborreia do século passado, ainda vai encontrando novas e grandes maravilhas no seio da grande, da eterna mãe, a natureza!



A sala de repouso das empregadas na Estação Trindade

# Os ladrões

ARKADY AVERCHENKO

Aquela frase de Gogol, o grande romancista russo, seu rio através das línguas pode tornar-se extensiva a toda a literatura humorística do seu país. Arkady Averchenko, o «Mark-Twain» eslavo representa uma exceção. O seu riso é claro, são, sem dor contida nem lágrimas revoltas. Com a publicação deste conto, do mais fino e intencional humorismo, a Ilustração dá a conhecer aos seus leitores um dos nomes mais notáveis da moderna geração russa.

Estando eu de visita em casa de Krasavin e entregue ao prazer dum ameno *caraco*, entrou a criada e disse-me:

— Chamam-no pelo telefone.

Olhei-a assombrado.

— A mim? Não pode ser! Não disse a ninguém que vinha para aqui...

— Não sei; perguntam pelo senhor.

Encolhi os ombros e segui a criada até à sala de espera, onde estava instalado o telefone.

Peguei no auscultador e apliquei-o ao ouvido cheio de curiosidade.

— Com quem falo?

— Com Chebakov. Estamos no *cabaret* Alhambra. Só faltas tu. Não te demores.

Eu respondi:

— Não posso. Tenho que terminar um trabalho urgente. Quem te disse que estava em casa de Krasavin? Em minha casa não está ninguém, pois a criada foi passar o dia com os pais... É estranho!...

— Não brinques, filho, não brinques! Acabo de telefonar para tua casa e responderam-me que estavas aí.

— Ou eu endoideci ou tu estás a entrar comigo. Tenho a casa fechada à chave e guardo a chave no bolso. Quem te podia responder?

— Não sei. Uma voz masculina e desconhecida que me disse: «Deve estar em casa de Krasavin. Quem me falou não parecia muito disposto a prolongar a conversa porque cortou imediatamente a comunicação. Supuz que se tratasse de algum parente teu.

— Deixas-me completamente maluco! Vou já a casa. Daqui a vinte minutos estará tudo esclarecido.

— Mas, para que esperar tanto? — repliqui Chebakov, já intrigado com aquele mistério, a julgar pela sua voz — Liga o telefone para tua casa e saberás tudo mais depressa.

— Tens razão!

Dependurei o auscultador e tornei a pegar nele. As mãos tremiam-me de impaciência.

— Está lá?... 223-30.

— Outra vez? Quem é? — perguntou momentos depois uma voz desagradável.

— Falo com o 223-20?

— Fala, sim. Que queres daqui?

— E o senhor quem é? — gritei furioso e desorientado.

O meu misterioso interlocutor pareceu vacilar.

— O dono da casa — respondeu finalmente com voz insegura — saí.

— Olha que novidade! — vociferei — Já sei que saí! Porque o dono da casa sou eu!... E o senhor quem é, e o que está aí a fazer?

— Espere um bocadinho... Não estou só. Vou chamar o meu companheiro... Gricha, anda cá; vê se te entendes com este senhor.

Alguém respondeu, ao lado do aparelho, com colérico acento:

— Que massada, meu Deus! Não nos deixam trabalhar!

E continuou pelo telefone:

— Quem fala daí? Não fazem senão chamar! Que deseja?

— Que faz o senhor em minha casa? — rugi.

— Ah! É o dono da casa? Não imagina o prazer que me dá!

— Como?

— Espero da sua amabilidade que nos diga onde estão as chaves da sua escrevaninha. Procuramo-las por toda a parte...

— Que está para aí a dizer?

— Que já estamos com a cabeça em água de tanto procurar as chaves da sua escrevaninha!

— Para que as querem?

— Para não nos vermos obrigados a arrombar as onze gavetas. Além de ser bastante incómodo, seria uma pena, porque o móvel é magnífico. Custou-lhe pelo menos duzentos rublos, não é verdade? Que necessidade há de escavar um móvel tão bom?

A medida que o meu novo interlocutor falava, com voz cada vez mais firme e tranquila, eu ia-me exaltando, saindo fora de mim.

— Ah, canalhas! — gritei — Entraram-me em casa para roubar? Esperem-lhe pela volta! Vou já para aí! Há-de cair sobre vocês o peso da lei!

— As suas ameaças, cavalheiro, não nos assustam. — respondeu a mesma voz serena e persuasiva — Antes do senhor cá chegar, temos muito tempo de fugir. E, com isso, não arranja nada. Convém-lhe mais dizer onde estão as chaves da escrevaninha.

— Ladrões! Bandidos! Infames! Tratantes! Há muito tempo que deviam estar enforcados! Mas não-de ter o castigo que merecem, canalhas!

— Que tolice, cavalheiro! Não se exalte! Seja razoável. Nós falamos-lhe serenamente, sem arrebatos. Em vez de lhe darmos cabo da escrevaninha, arrombando as gavetas, perguntamos-lhe onde estão as chaves. Devia mostrar-se reconhecido e não empregar essas expressões tão grosseiras.

— Com mariolas como vocês, não posso falar doutro modo...

— Meça bem as palavras! Não responderemos a injúrias; mas castigá-las-hemos, se não se emendar, cortando com um canivete o estôdo das cadeiras e do sofá, e deixando-lhe num estado lamentável a escrevaninha e a biblioteca. Imagine como lhe ficará o escritório! Se nos tratar com cortezia, não lhe sucederá nada.

— Tem graça! — disse eu, em tom conciliador — O senhor ponha-se no meu lugar. Entram-me em casa, arruinam-se e ainda pretendem que os trate como a fidalgos!

— Mas ninguém o vai arruinar! Embora levemos daqui alguma coisa, que importância tem isso para o senhor? Não modificará, é certo, a nossa situação de pobres, mas ajuda-nos a viver.

— Compreendo — redargui, com a voz alterada pela emoção, pois estava convencido que havia de os comover profundamente. — O que não chego a compreender é o interesse que tem de me espatifar a mobília.

— Nenhum; mas não podemos tolerar os seus insultos.

— Bom; não os insultarei mais. Vejo que trato com pessoas inteligentes e razoáveis. Até reconheço que lhes assiste o direito de certa indemnização pelo trabalho que, sem dúvida, lhes custou entrar em minha casa. Gastaram certamente alguns dias em preparativos; tiveram que estudar os meus costumes, vigiar as minhas saídas, etc., etc.

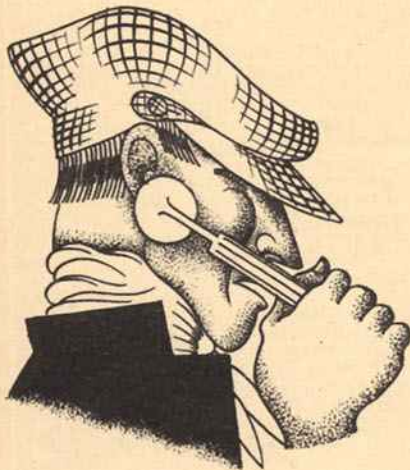
— É claro que sim! Não é tão fácil como se pensa...

— Compreendo, meus amigos, compreendo. Mas para que querem a chave da escrevaninha?

— Pode supô-lo...

— Não, confesso...

— Homessa! Para encontrar o dinheiro.





— Então não hei-de compreender? E compadeço-os de todo o coração. Se eu pudesse fazer alguma coisa pelos senhores... Mas voltemos ao nosso assunto. Tenho plena confiança na sua honradez. Se me prometem, sob palavra de honra, que não levam os objectos, dir-lhe-hei onde está o dinheiro; mas com a condição, repito, de me deixarem quinze rublos; preciso deles. Estamos entendidos?

O ladrão, reprimindo uma gargalhada, respondeu:

— Plenamente de acôrdo. Prometemos deixar-lhe os quinze rublos.

— E não levarem as peças?

— Também prometemos.

— Palavra de honra?

— Palavra de honra.

— Muito bem. Obrigado. Agora, oiça: em cima da escrevaninha há uma caixa de envelopes azul. No fundo dessa caixa, debaixo dos envelopes, está o dinheiro. Quatro notas de vinte e cinco rublos e três de cinco. Confesse que nunca lhes passaria pela cabeça que o dinheiro estivesse aí.

— Confesso.

— Quando se forem embora façam o favor de apagar a luz.

— Esteja descansado.

— Entraram pela escada de serviço?

— Sim, senhor.

— Muito bem. Pois quando saírem, não se esqueçam de fechar a chave por causa dos ladrões.

— Fique descansado.

— Ah, outra coisa! Se se encontrarem com o porteiro, digam-lhe que me foram levar umas provas da tipografia. Como mas levam com frequência, o porteiro não desconfiará. Adeus, e muita sorte!

— Muito obrigado. Onde deixamos a chave?

— Debaixo do tapete. O despertador não parou?

— Não senhor.

— Muito bem. Boas noites, meus amigos!

Quando voltei a casa, encontrei sobre a mesa da casa de jantar um embrulho, três notas de cinco rublos e uma cartinha nos seguintes termos:

«O despertador está na alcova. Diga à criada que trate melhor a roupa: a gola do sobretudo está toda picada da traça. Não esqueça que se comprometen a não denunciarem-nos. — *Gricha e Sérgio*.»

Quando lhes contei esta história, os meus amigos declararam unanimemente que em me sei arranjar muito bem nas circunstâncias mais difíceis.

Talvez tenham razão.



— Ah! Os senhores julgam que está nalguma gaveta?

— É claro.

— Pois estão totalmente enganados.

— Está a brincar conosco?

— Não; falo-lhes com o coração nas mãos.

— Onde está então o dinheiro?

— Devo-lhes dizer que tenho muito pouco e que, além disso, está muito bem escondido... Digam-me francamente quais as suas aspirações.

— Como?

— Quanto tencionam levar daí... do que me pertence? Já não tem razão de queixa da minha linguagem, pois não?

— Não, senhor, não. Falando claro: quero saber quanto pensamos roubar, não é assim?

— Formula muito bem o meu pensamento.

— Pois bem, sossegue; não tencionamos roubar-lhe muita coisa. O cavalheiro compreende bem que não podemos levar objectos muito volumosos, o que nos exporia a despertar as suspeitas do porteiro. Quere saber o que lhe escolhemos? Oiça. Alguma prata lavrada, um sobretudo, uma boina de pele, um despertador, um pisa-papeis de prata...

— Não é de prata — adverti amistosamente.

— Então, não o levaremos. Substituímo-lo pela cigarreira. É uma verdadeira obra de arte.

— Oiçam, meus amigos: compenetro-me da vossa situação e coloco-me no vosso lugar. Os senhores tiveram a sorte de entrar em minha casa. Supunhamos que o porteiro não os vê e, se os vê, não desconfia de nada. E depois? Levam, naturalmente, essas peças a casa de qualquer indecente comprador de objectos roubados, que lhes vai dar por elas uma miséria. Conheço essa corja! Os senhores arriscam a liberdade, e, muitas vezes, a própria vida, enquanto que eles não arriscam nada e participam dos lucros sempre com a parte do leão.

— Lá isso é verdade! — suspirou o meu interlocutor.

— Oh, se é! Sempre succede assim com o

regime capitalista: o capital explora o trabalho. Na realidade, os ladrões são eles e não os senhores. Os senhores constituem algum perigo para a sociedade? Longe disso! O perigo está nesses exploradores, nesses vampiros que representam a principal lepra da vida contemporânea. Companheiro e querido amigo, falo-lhe com toda a sinceridade: eu, por razões que não é preciso explicar, estimo muito êsses objectos, enquanto que os senhores irão vendê-los. Quanto lhes dão por êles? Quási nada! Aposto que não chega a cinqüenta rublos...

— Cinqüenta? Se nos dessem vinte e cinco, poderíamos dizer que tínhamos feito uma grande venda.

— Está a ver? Eu já sabia que chegariam a um acôrdo, meus queridos amigos. Tenho dinheiro no escritório, não nego. Pouca coisa, como lhes disse: cento e quinze rublos. Sem as minhas indicações não poderão dar com êles. Se nos entendermos, dir-lhes-hei onde estão. Podem levar cem; os quinze restantes deixam-nos aí para despesas urgentes. Quando tiverem os cem rublos em seu poder, retirem-se sem levar nada mais. Dou-lhes a minha palavra de honra que os não denunciarei à Policia. Considerarei tudo isto um negócio puramente privado, um negócio entre camaradas, que a mais ninguém interessa. Aceitam?

— Sim; mas...

O meu interlocutor pareceu vacilar.

— Mas, quê?

— Já temos a prata embrulhada.

— É a mesma coisa; deixem-na assim.

Nova pausa.

— E não receia que lhe levemos o dinheiro e as peças? Tanta confiança lhe inspiramos?!

— Ah, queridos amigos! Estou convencido de que não fazem isso. Os amigos não são nenhuma bestas. E tenho a certeza de que no fundo até são boas pessoas.

— Sim, mas... a maldita vida em que nos metemos, este endiabrado officio... Compreendo, não é verdade?



# INTELECTUAIS PORTUGUESES

QUE  
TRIUNFAM  
NO  
ESTRANJEIRO



Jorge Noronha de Oliveira

E QUE  
SÃO  
IGNORADOS  
EM PORTUGAL

Éis o caso do sr. Jorge Noronha de Oliveira, consul de Portugal em Sevilla, que me ás suas qualidades de diplomata distinto, as de um brilhante novelista e autor dramático.

Se como consul de Portugal tem prestado relevantes serviços à sua pátria, pois à sua inteligência, cultura, simpatia e boas relações se deve que o nome de Portugal goze de um prestígio entre os sevillanos que não tem nenhum outro país, conseguindo benefícios e regalias excepcionais entre as instâncias oficiais e particulares, bem patentes com motivo da Exposição Ibero-Americana; como escritor português tem conseguido estreiar peças dramáticas escritas em português e traduzidas por ele mesmo, ou pensadas e escritas directamente em castelhano.

O sr. Noronha de Oliveira está há 11 anos em Sevilla, onde nasceu os seus filhos, e como homenagem à Espanha, que, por meio da luminosa Sevilla lhe ofereceu hospitalidade franca, correspondeu delicadamente dando forma ao seu pensamento na rica linguagem castelhana e realizando as suas mais puras ilusões juvenis — a de ser escritor.

É sobre assimilar de tal forma o espírito daquele povo que parece um sevillano falando e escrevendo, sem deixar por isso de ser sempre um verdadeiro português atento aos interesses do país que representa e que é o seu.

Tendo permanecido ultimamente uns dias na bellissima cidade de Maria Santíssima tive ocasião de apreciar os seus muitos afazeres no consulado sem abandonar os trabalhos do pavilhão que vai ser uma legítima e brilhante representação de Portugal no magnífico certame.

Sempre atento aos pequenos detalhes que são precisos, pessoal, transporte de materiais, etc., consegue ter tempo para dedicar-se à literatura — um dos seus grandes amores — e tem produzido belas novelas e romances, interessantes peças de teatro, colaborando, ainda, em importantes jornais de Sevilla.

Pertence à Sociedade de Autores Dramáticos Espanhois e começou estreando no S. Fernando, o teatro mais importante de Sevilla, o drama «Quando llega el dolor», que teve um grande êxito, seguindo-lhe as comédias «Nube que pasa» e «Cambio de Damas», esta última posta em scena em Madrid, tencionando estreiar neste ano na capital de Espanha «Rosa desfolhada» e uma outra que tem pedida, mas que ainda não tem título. Estas duas comédias serão levadas por duas das mais importantes companhias que actualmente trabalham em Madrid; uma delas, a da grande actriz Margarita Xirgá, no teatro Fontalba. Também estreará em Sevilla, ainda este ano, «Las Perleñas de Tobías», no Teatro del Duque, e no Cervantes «A Mulher-Homens», comédia em três actos.

Como novelista tem três livros pensados e escritos directamente em espanhol, e dos quais tenciono fazer uma versão portuguesa na primeira oportunidade. Estas novelas são: «Dia de Sol», novela grande com um fundo filosófico interessante, belamente ilustrada pelo notável pintor Juan Miguel Sanchez. Abre o livro com estes versos:

«La tristeza y la alegría  
«Son como la noche y el día»

«Presente de casamento (Regalo de Bodas), narração breve, cheia de idealismo puro e doçura sentimental, onde o desejo de perfeição das almas, põe a sua coroa de amor e de perdão. Tem no prelo outra novela «Uns lindos olhos negros».

Toda a obra deste brilhante escritor está cheia de um portuguesismo forte, unido a uma ironia muito sevillana.

Não se sabe — como muito bem diz o notável escritor sevillano José Andrés Vazquez, no prólogo de «Regalo de Bodas» — onde finda o lisboeta vivaz, fidalgo e franco, e começa o sevillano perspicaz, domairoso e infantil.

O sr. Jorge Noronha de Oliveira não se deu ainda a conhecer em Portugal por ter residido fora e porque quando tentou estreiar-se em Lisboa aconteceu-lhe o que infelizmente é frequente por cá. Um actor, que tem um grande nome, leu uma obra de Noronha de Oliveira, gostou e qui-la para a sua festa artística; passou esse dia e o ano seguinte e a obra não foi representada, e quando lhe reclamaram respondeu que a tinha perdido. Só intervindo a autoridade, conseguiu o seu autor recuperá-la no fim de dois anos...

Isto contrasta com o que me tem acontecido em Espanha — diz-me o distinto escritor — pois que, tendo enviado em certa ocasião uma obra à insigne actriz Margarita Xirgá, ela me escreveu logo, agradecendo a minha gentileza, e pedindo-me para eu mesmo marcar o dia da leitura.

Todas as minhas obras tem sido recebidas e aceites com inteira franqueza. Há em Espanha uma consideração do artista pelo autor e vice-versa, que no nosso país existe muito raramente.

É já perguntando, peço-lhe que me diga como acha o teatro em Espanha.

— Embora digam que está decadente, eu acho-o cada vez mais florescente — respondo-me.

— Quais são os seus autores predilectos? — refiro-me aos espanhóis.

— Benavente, Linares Rivas, interessantíssimo, Arniches, Los Quinteros, genuinamente sevillanos, e dos mais novos Juan Ignacio Luca de Tena e Honorio Maura.

— É novelista?

— Palacio Valdez, Perez de Ayala, Valle Inclán, Ortega y Gasset, entre outros, e dos poetas Marquina e os irmãos Machado. Também me interessa o movimento modernista e de juventude dos da «Gaceta Literária».

— É de arte?

— Espanha está formidavelmente. Só quero citar três pintores sevillanos: Búcaris, Grosso e Santiago Martínez.

— Acha interessante a possibilidade de fazer algumas obras teatrais portuguesas em Espanha?

— Muito interessante, mas há uma dificuldade que é o desconhecimento dos tradutores da língua portuguesa e da ideia do autor.

— Que projectos tem agora?

— Editar as minhas novelas em português e ver se consigo estreiar uma peça minha em Lisboa esta temporada. Também quero alterar as minhas funções consulares e trabalhos do pavilhão com o lançamento de uma revista portuguesa em Sevilla durante a exposição.

— É que me diz da exposição?

— Que será um êxito enorme para Espanha, principalmente debaixo do ponto de vista de arte e de aproximação dos povos que entram nela. Portugal pode aproveitar-se muito desta magnífica ideia. Tenho fé em que o nosso pavilhão, que é dos melhores, não contando os de Espanha, marcará pela sua originalidade e pela sua situação. Trabalhase de dia e de noite, e está dirigindo os trabalhos um distinto engenheiro, sr. Jacome de Castro, que em união de todo o pessoal, quasi todo português, tem o maior empenho em deixar bem posta a nossa bandeira. Não devemos esquecer ao ilustre Embaixador de Portugal junto de Sua Majestade o Rei de Espanha, sr. Melo Barreto, sempre atento a tudo que em Espanha diz respeito ao nosso país, e ao Comissário sr. Coronel Silveira e Castro, que tem pôsto sua vasta inteligência e cultura ao serviço desta ideia.

— Enquanto à maneira como o português é tratado em Espanha, dir-lhe-hei que é recebido admiravelmente e com os braços abertos, sempre que seja verdadeiro português, principalmente em Sevilla, onde há um grande afecto e desejo de aproximação com Portugal.

— Para isto, devo dizê-lo, por o ter comprovado, contribue grandemente o consul sr. Noronha de Oliveira, que conseguiu captar simpatias entre todas as classes sociais da capital da Andaluzia, desde os Infantes D. Carlos e D. Maria Luiza, o Governador Civil e director da Exposição sr. Cruz Conde, o Alcalde, até às classes mais modestas; todos o respeitam e se consideram honrados com a amizade do ilustre representante de Portugal naquela cidade. Por considerá-lo um dever quis escrever estas linhas para que em Portugal se conheçam homens como o sr. Noronha de Oliveira, de alta envergadura intelectual, que triunfam e trabalham constantemente para elevar o prestígio do seu país no estrangeiro.

LUÍS DIAS AMADO HERRERO,

# A HISTÓRIA DUM JORNALISTA

EM QUE SE DEMONSTRA QUE UM HOMEM PEQUENO NEM SEMPRE É UM INSIGNIFICANTE E PODE ATÉ SER UM GRANDE HOOMEM, OU MELHOR, QUE OS HOMENS SE NÃO MEDEM AOS PALMOS...

Como toda a gente que escreve, um belo dia, eu pensei um romance. E ao pensar o meu romance, por uma questão de temperamento... e de idade — tinha eu 21 anos — não enveredei pelos caminhos complicados da análise psicopatológica, não pensei em princesas russas cocainizadas, nem no drama rural consabido com o ganho que ala para o Brasil a morrer de fome, nem sequer pensei em enveredar pelo lado da literatura colonial a ver se, sem ao menos me arriscar a uma biliosasita, conseguia uma África de cor para conquistar o prémio da Agência. Tão pouco a moderna corrente místico-

Não havia jornalistas naquele estilo do meu heroe, meio D. Quixote, meio Sherlock Holmes!... Não havia daquilo... Ainda lá fora, talvez, mas cá!... Não conhecia eu Fulano, Cicerano e Beltrano, jornalistas de fama?... Conhecia!... Pois eram assim os outros todos!... Eu estava parvo de todo!... E eu rasguei o manuscrito.

Arrependi-me meses depois quando comecei a trabalhar com Reinaldo Ferreira, numa amizade que ainda, felizmente, vive intacta. O Reporter X era, afinal, o heroe do meu maldadado romance!... Tinham-me mentido!... O repor-



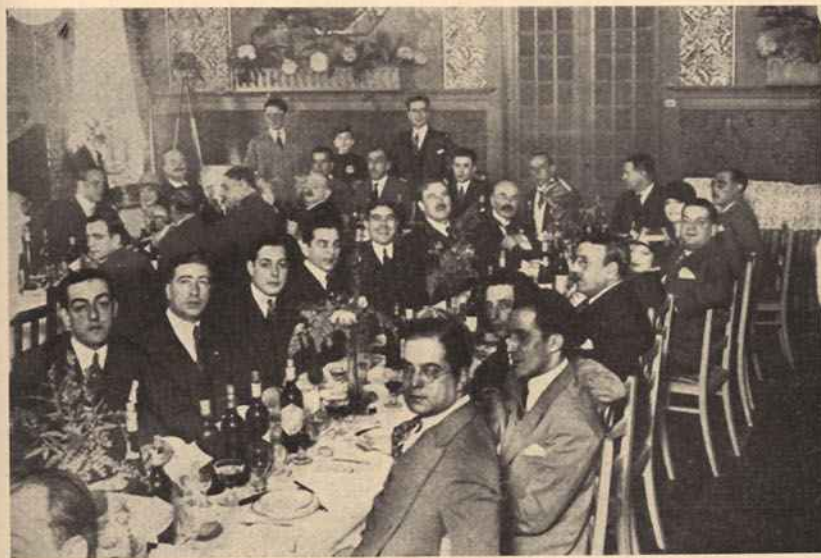
Reinaldo Ferreira (Reporter X).

ter ideal, o jornalista de génio existia e era português... estava ali, era meu amigo!... Verdade seja que era pequenino, trigueiro, com olhos verdes, muito palantes e pequenotes, não era D. Juan... é verdade... mas, juro, era o tal reporter que eu construíra na minha admiração.

Porque Reinaldo Ferreira é, na verdade, não só o maior reporter português como um dos melhores e mais sagazes, inteligentes e honrados reporters de todo o mundo. E por isso que, ao ler as notícias das homenagens que o Porto preston ao jornalista que foi à Rússia, que viu o julgamento de Marang com os seus olhinhos sagazes, que escreve por dia uma novela e dez artigos, ao agitador dos mais célebres casos jornalísticos dos últimos tempos, eu senti uma doce comoção, em que ia muito da sanidade da nossa vida de camaradagem cheia de acidentes, de coragem e de alegria, aquela vida que lá vi e a que Rôuardo Zamacois, um eterno boémio, chamou «Años de miseria y de risa». Um abraço, meu velho Reinaldo, pequeno grande homem, grande artista do jornalismo e grande alma de D. Quixote da profissão!...

(Fotos Alvaro Martins).

AMÂNCIO CABRAL.

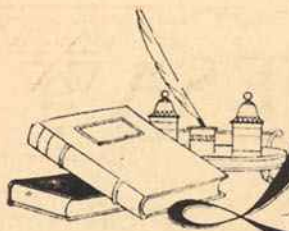


Um aspecto da assistência ao banquete oferecido ao Reporter X.

-editorial dos romances cristãos tinha aparecido no mercado, nem o frendismo dava ainda azo a escrever um romance pedante com raridades metafísicas. Não admira portanto que eu, aos vinte e um anos, tivesse pensado um romance moderno sem meta-psiquia, nem teosofia, nem qualquer módo raro de acepipe mal guisado. Não, não admirará nada se eu lhes disser aqui muito à puridade que pensei, simplesmente, em escrever um famoso romance de aventuras. Sim senhores! — Um romanesito de aventuras, com todos os paliativos, entre Júlio Verne e Conan Doyle, salpicado dumas lasquinhas de Geo London para armar à lágrima. E tinha novidade, o maroto do romance!... Não havia polícia, não havia gatoio bem intencionado a rapinar os banqueiros judeus para ajudar uma tribo de orfãosinhos... Nada disso. O meu romance era, afinal, a biografia dum reporter dum reporter como eu o sonhava, sagás, enérgico, inteligente, com uma alma de cavaleiro andante e um coração emotivo de poeta do jornalismo. Desenhei o romance com entusiasmo, enchendo a figura, abarrotando-a de méritos, de ideal, de magníficas aventuras. Sonhava-o alto, branco, loiro, apolíneo, sedutor, grandes olhos negros de veludo, com sua languidez que me servia à maravilha para a missão amorosa do meu heroi... porque não há romance que pegue sem o seu fio amoroso à mistura... Pobre romance! Rasguei-o uma noite, depois de ouvir as gargalhadas homéricas dum grupo conspícuo de jornalistas acreditados. Eu estava parvo de todo!...



Grupo das pessoas que homenagearam Reinaldo Ferreira no Porto.



# Livros e Escritores

Com elevado posto na corte dos paladinos da castiça linguagem lusitana, o sr. dr. José Joaquim Nunes não se limita a transmitir aos seus alunos da Faculdade de Letras olisiponense o muito que sabe a tal respeito e que é fruto dum estudo atarradíssimo; o ensino de tão eminente mestre transborda do restrito ambiente escolar e vem mesmo espalhar-se entre o público geral, por intermédio do artigo na imprensa e também, de tempos a tempos, do livro. Precisamente um livro seu de tal teor, *Digressões Lexicológicas*, formado na maioria das suas páginas de escritos anteriormente inseridos em revistas e jornais brasileiros, acaba de sair a lume, para proveito e prazer de todos que se empenham em escrever e falar o idioma pátrio com propriedade e correção. Que a linguagem se enriqueça, absorvendo vocábulos criados pelos novos costumes e novos produtos da civilização, compreende-se. Mas que ela se corrompa, substituindo os termos e as frases vernáculas por fóclias as extravagâncias linguísticas que os galicizaras, que tanto enojavam Filinto Elísio, queiram importar, isso nunca!

Bis, toscamente resumido por nós, a essência da campanha prosseguida neste volume pelo notável filólogo, a quem a literatura portuguesa deve já inavaliáveis serviços de investigação e crítica; altos serviços esses de que as presentes *Digressões Lexicológicas*, destinadas menos aos filólogos do que aos simples curiosos da língua, podem constituir não só indício como padrão.

Continuam a visitar-nos com regularidade modelar as duas séries de episódios históricos romantizados que Rocha Martins está há tempos produzindo: *Os Grandes Amores de Portugal* e *Heróis, Santos e Mártires da Pátria*. Nos grandes amores incluído é agora os tomos *Sóror Mariana* e *Sombra de Rei*, o primeiro descrevendo-nos o drama da freira bejen-se que se celebrizou pelas suas epistolas escandecidas de paixão, e o segundo narrando-nos o triste destino de D. Afonso VI, espoliado do trono e da esposa por seu irmão D. Pedro; e na teoria dos felicitos varões nacionais dá-nos êle a admirar os vultos enormes de Vasco da Gama, muita experimentado, e Afonso de Albuquerque, *O Grão Capitão*, cuja fulgurante energia talhou nas terras benditas da Índia um vasto império. Escritos nervosamente à margem das velhas crônicas, estes quadros históricos, além de entreterem, instruem, pelo que a sua publicação merece francos louvores.

O *Doutor Diabo* é um novo trabalho do sr. dr. Claudio Basto, nome muito distinto na etnografia nacional. As suas páginas, escritas com uma elegância espontânea, encerram uma pequena novela de nobres intuítos: apresentam a profissão médica, desde que exercida só por quem para ela nasceu, como um sacerdócio. O caso que o autor nos conta é dos que nos deixam o espírito banhado de claridades pulcras.

O sr. dr. Carlos de Passos, a quem o recheio dos nossos arquivos e bibliotecas é familiar, tirou recentemente do prelo uma nova edição dum trabalho seu muito valioso que se encontrava esgotado: é êle a *Navegação Portuguesa dos séculos XVI e XVII (Novos subsídios para a história trágico-marítima de Portugal)*. Se bem que de poucas páginas o opúsculo, êle é rico de estudo sobre os nossos feitos náuticos, matéria que o autor tem tratado mais de uma vez e sempre demonstrando, como claramente aqui se nota, excelentes dotes de investigador.

De texto aparentado com êste é o abundante volume, já o segundo da obra, intitulado *Descobrimientos e Conquistas* e que ostenta no

frontispício o nome, de sobra conhecido, do sr. marechal Gomes da Costa. Publicando e comentando muitos documentos respeitantes à viagem de Vasco da Gama e ao governo da Índia de alguns dos seus vice-reis, êste volume, como já sucedera ao anterior, impõe-se à consideração dos estudiosos.

Em tudo quanto lhe sai da pena, o sr. Homem Cristo denuncia o seu temperamento combativo, e o seu recente livro *Monárquicos e Republicanos* não discorda, quanto a isso, dos escritos anteriores do publicista. O assunto destas quatrocentas páginas é a vida política do nosso país desde a morte de D. Luis até à revolta conhecida pelo *31 de Janeiro*. O autor, convencido de que a luz da verdade se projecta sobre o papel em que escreve, vai aqui narrando factos e evocando figuras e, ao mesmo tempo, exteriorizando a sua destemida opinião sobre uns e outras, sem ao de leve sequer se prender com os melindres que possa suscitar nalguns dos criticados que ainda vivam. É bem um livro dum belarário, muito egotista por vezes e sempre fanático das suas idéas e convicções.

Muito mais brando no comentário, mas nem por isso menos cheio de fé nas doutrinas políticas de que se faz arauto, é o livro de similar natureza a que o sr. visconde do Porto da Cruz, seu autor, deu o título de *Paixão e morte de Sidónio*. Entusiástico panegírico, no meio d'êles muitos dados certos se colhem para a formação da história portuguesa contemporânea. Depois de falar com muito carinho em Sidónio Pais e nos actos do seu governo, o autor declara-se partidário das ditaduras.

Em desfavor delas se nos apresenta, porém, o livro *Massolini, Garibaldi & Companhia*, do sr. Louis Santini, traduzido pelo sr. A. Augusto dos Santos. Pondo-nos ao facto do passado do actual e tão discutido ditador italiano, que foi outrora um adepto dos credos revolucionários, o autor ataca veementemente a organização política hoje senhora dos destinos da sua pátria.

O sr. Adolfo Faria de Castro, moço jornalista

certa admiração pela maior figura das nossas letras.

Dos livros de versos ultimamente aparecidos, não tiveram ainda registo nestas crônicas os seguintes, a respeito dos quais, dada a exiguidade do espaço, não podemos senão dizer meia dúzia de palavras: *Ao som do cavaquinho*, do sr. Vergílio Amaral, que se apresenta apadrinhado pelo sr. dr. Claudio Basto e que produziu uma obra bem curiosa, cheia de sugestões folclóricas, pois onde a sua musa buscou desta feita inspiração foi na arte poética popular; *Auto da Felicidade*, do sr. António de Lemos, que lhe juntou outra obra da mesma índole, *Auto do Bem-Fazer*, em ambos denunciando um espírito delicadíssimo; *Jardim das Hespérides*, composto de sonetos do sr. José Lopes, illustre professor caboverdeano, que, mesmo portando, não deixa de se mostrar como um grande erudito que é; *A verdadeira lei*, do sr. Silva Passos, um feixe de versos de puro recorte e íntima vibração, exigindo à vida maior beleza e mais justiça; *O Poeta do Sô*, do sr. Raposo de Oliveira, trabalho que, há poucos meses apareceu em primeira estampa, agora se reimprimiu, assim firmando o seu grande mérito, que é o de evocar êsse tão dolorido vulto de Antão, que escreveu ao livro mais triste que há em Portugal; *Distância*, de canções de António Pedro, com uma carta-préface do eminente escritor e poeta sr. Coelho de Carvalho, cujas palavras elogiam com justiça a música dos versos do jovem autor e, simultaneamente expendem brilhantes pontos de vista estéticos; *Clara de três cordas*, do sr. Sidónio Miguel, que sabemos ser o pseudónimo duma pessoa muito inteligente e muito culta, que mesmo nestes seus versos não deixa na sombra o vasto saber que possui; *A Eterna Canção...*, do sr. Moura Guedes, livro só composto de sonetos, alguns, diga-se a verdade, inspirados; *Alma que reza*, do sr. Mateus de Macedo, também de sonetos e onde merecem saliência os denominados *Minha filha* e *No centário de Beethoven*; *Flores do Campo*, singelos versos do sr. Mário A. Leandro; e, final-



Vergílio Amaral



Adolfo Faria de Castro



António de Lemos

de brilhante estilo e boa cultura, realizando há tempos no Funchal uma interessante conferência subordinada a êste tema *Camões e a epopeia nacional*, não quiz deixar de a arquivar em opúsculo, e nisso bem andou, pois êsse trabalho por tudo é digno de atingir maior quantidade de público do que aquele, decerto restrito, que leve o prazer de lê-lo na formosa ilha. Temos aqui o texto dessa conferência, e em todos os seus períodos vemos espelhada uma sin-

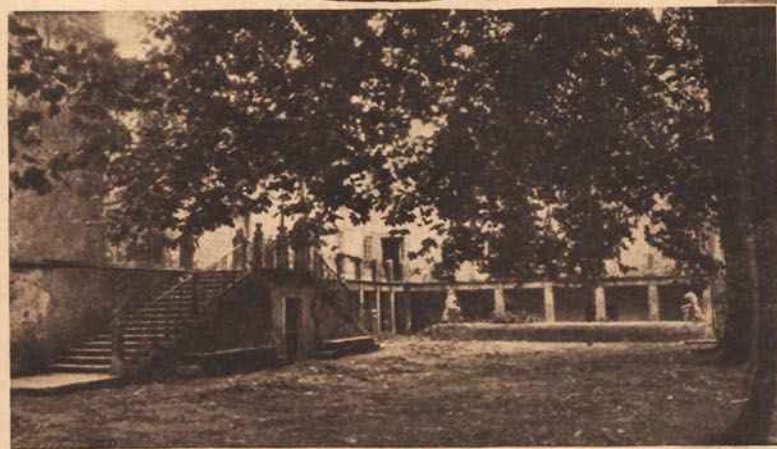
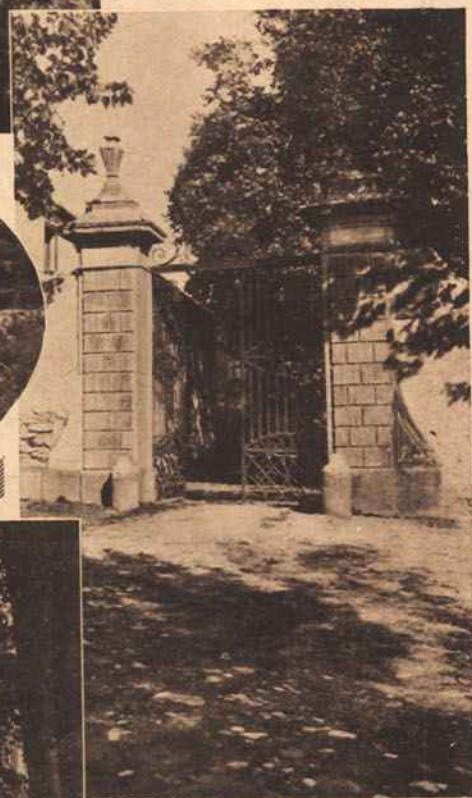
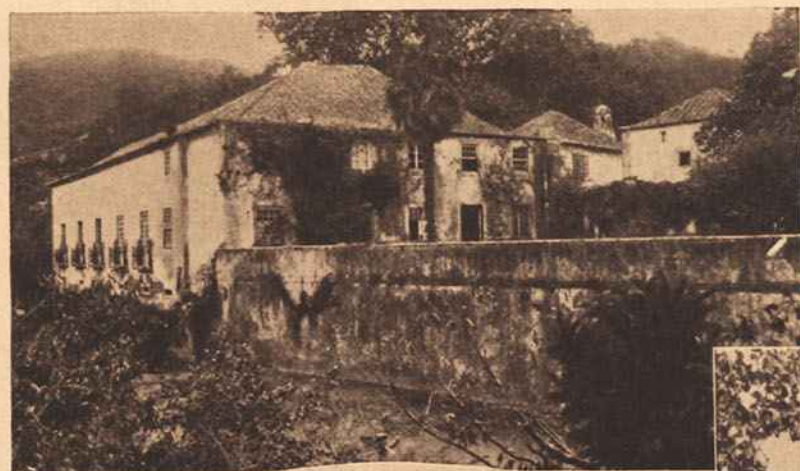
mente, *Lário*, volume assinado pelo sr. António Dias e que, por mais que o olhemos com benevolência, não se nos impõe como estreita de realce. E aqui fechamos, desta vez, o jardim poético, que, se nalguns sítios apresenta tons sedutores, em muitos mais se mostra tão pobre de viço e colorido como se nunca lhe houvesse habido o sal criador e jamais lhe tivessem chegado uns borritos sequer da famosa água de Castália...

# A CASA PORTUGUESA

## QUINTA DO VINAGRE—COLARES

*Em meio do virgiliano vale de Colares existe esta quinta que conserva todo o perfume das nossas antigas casas fidalgas*

*Deve grande parte do seu encanto à feliz e já rara circunstância de estar ainda na posse da nobre família que em tempos idos a construiu e que é hoje representada pela sr.<sup>a</sup> D. Maria José Dick Bandeira Nobre, actual proprietária da Quinta do Vinagre onde sempre residiu*



*São de aspecto senhorial o portão de entrada e o grande pátio assombreado por seculares plátanos que todos anos, pelo outono, enchem o chão e recobrem o tanque dos leões com a mancha dourada das suas folhas perdidas. Algumas*

*salas ainda agora são iluminadas pela frágil graça de antigos lustres de Veneza que pendem de tectos lindamente desenhados no puro estilo rococó. Animada foi outróra esta quinta, principalmente no século XVIII, quando a sociedade galante da corte — e não raro a própria Magestade — aqui vinham em alegre divertimento pelas tardes de estio para gozar a beleza bucólica destas paragens*

# QUANDO CAMILO ESTEVE PRESO...

## O QUARTO NÚMERO DOZE

O romance mais emocionante de Camilo é o quarto número *doze* da última sala da Cadeia da Relação do Pôrto. Para se chegar até este quarto, para se conseguir ler esse romance de pedra e cal, que a infelicidade do romancista escreveu...durante um ano, é necessário atravessar as portas mais aterroradoras deste mundo.

A Relação do Pôrto, como, afinal, todas as grandes e trágicas casas de presos, tem muito de biblioteca de soluços, de ambições de liberdade e de mãos de assassinos rezando arrependimentos... Atravessa-se a porta da rua, porta para toda a gente, e sente-se, instantaneamente, um silêncio doloroso de vidas reprimidas. Esta emoção, dominadora como um extenso pesadelo, toma, porém, no desdobrar do calvário dos de-

graus, nus novos aspectos de tortura e novas cenas de tragédia.

As paredes e o teto recordam a indiferença cínica que Maurice Dekobra apresenta no começo do seu livro «Sérénade au Bourreau». Estas, que dividem o crime da moral são indiferentes a lágrimas do coração, como as que o escritor francês retratou. São paredes sem ouvidos... Não se compadecem de desgraçados, nem das vítimas da injustiça...

Antes, porém, de se encontrar o quarto número *doze*, recebe-se a austeridade agressiva de dezenas de portas. Cada uma que se atravessa é, inalteravelmente, um fantasma acusador... Aquele que as atravessa, que as transpõe, nunca lhes merece um bom conceito. Giram, afastam-se austeramente para engulirem os que pretendem ou são intimados a atravessá-las. E olham, da elevada soberania dos seus vultos de aço e de ferro, com olhares cínicos, perversos.

Passam-se as mais severas e as mais vigilantes. O terror afasta-se quando os olhos encon-



Uma lóbrega perspectiva na velha cadeia do Pôrto

tram alguma porta de madeira. Quando se repousa um longo olhar ante uma dessas portas, de aparência frágil, por detrás das quais podem justificar-se as mais audazes ambições de liberdade...

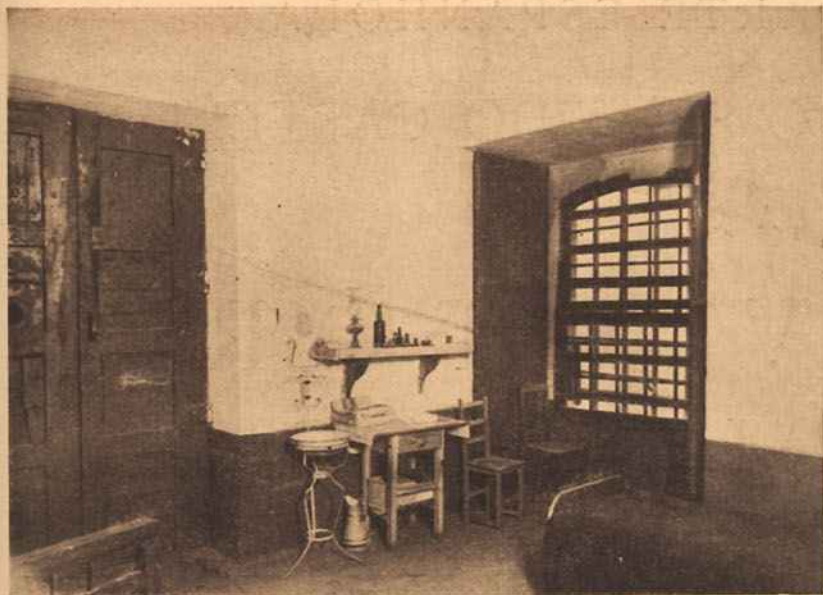
Ressuscita, contudo, a mão misteriosa do pavor. As portas austeras, invioláveis como paredes de castelos medievalescos, não terminam... Estão, quasi sempre, na nossa presença. Atravessam-se pátios que lembram retalhinhos do mundo. Surgem portas, mais portas duendescas. E, finalmente, para além duma com semelhanças de gigante, atravessa-se um corredor e olha-se de frente para a porta do quarto onde Camilo Castelo Branco teve os primeiros diálogos com a Morte.

E, natural e instintivamente, principia-se a ler o romance mais verdadeiro do autor de «A Sereia». Foi, sem dúvida alguma, neste quarto que Camilo escreveu, com as figuras que conheceu, com as suas locuções e insónias, um dos romances mais dominadores da sua agitada existência.

Este quarto, que os habitantes forçados e os empregados da Relação conhecem pelo «quarto de Camilo», tem, claramente, a fisionomia dum qualquer dos livros do romancista de Seide. Exteriormente, parece, sem exagero, a capa dum dos seus livros. Há meses, o director e todo o pessoal da cadeia, numa atitude de elevada veneração, encimaram-lhe a porta com um retrato do escritor; do desenhador dos maiores sofrimentos de amor. As ombreiras estão bordadas com alguns títulos das suas obras, e com



A Cadeia da Relação do Pôrto



A cela número 12 onde Camilo escreveu as «Memórias do Cárcere»

algumas palavras das muitas que ainda estão por escrever sobre a personalidade do grande torturado.

Para lá, para o lado de lá desta porta, lápide carinhosa à memória do mais genial e mais infeliz dos nossos escritores, abre-se, definitivamente, o romance vivo da vida morta de Camilo. O Destino, que tantas vezes lhe retalhou a alma, editou-lhe êsse ano de presídio nas paredes cinzentas do quarto e nos ferros da janela por onde seus olhos enviavam olhares de ternura e revolta para longe...

Fitando duas camas, que, decerto esperam com inquietação alguém que venha chorar horas de crime sobre os seus colchões, lê-se o quarto número doze com os vagos auxílios de memória dos dois volumes das «Memórias do Cárcere». Aparecem na luz cinzenta os dielos das torturas que habitavam a alma do autor de «O Anatema». Ouve-se resoar de encontro aos cantos da cela uma multidão de vozes que fustiga o combóio dos preconceitos em que eternamente viaja a nossa terra e todo o mundo!

Exibem-se, como num filme falado, como no desenrolar duma interminável peça de lódo, os espectros daqueles que confiaram a Camilo os seus crimes e os seus infortúnios. Tem-se a impressão de ver a cabeça do indito e idealista Coutinho esperar as frases compadecidas do romancista. Passam diversos vultos. Passa o mundo de condenados que êle, o pensador sem sorrisos, confortou e amparou. Não falta nenhum. Surgem desde a figura aventureira de José do Telhado até ao pedaço de lama que Ca-

milo conhecia desde a infância como «o austero, menino sisudo e galante Leonardo».

Contudo, são as mulheres, as mulheres prêsas que passaram ante os olhos de Camilo durante as horas do ano da sua prisão, que aparecem para marcar o lado trágico em que sempre se salientou a vida do romancista. As mulheres foram as grandes dôres de Camilo. Já Antero de Figueiredo o declarou o «mais sagaz e carinhoso interprete do coração feminino». Aquelas que êle estudou, que êle arrancou do sepulcro das prisões para a mesa anatômica da sua banca de trabalho, são, sem dúvida, os seus mais completos estudos de crimes e loucuras de amor.

Há lágrimas neste quarto que não podem morrer... São daqueles olhos femininos — olhos de criminosas e desgraçadas — que Camilo, depois de os vêr chorar, juntou no sacrário das páginas dum livro. Ouvem-se as lágrimas de *Benedita*, a que teve de ser perversa numa curva da sua vida; de *Joaninha*, a envenenadora para se libertar das fronteiras da Morte; de *Margarida*, a que ficou como modelo para muita desgraçada de hoje. E de muitas outras... Lágrimas dum mundo de mulheres, que atravessaram a esquina da infelicidade nos braços da quimera dos beijos de muitos homens.

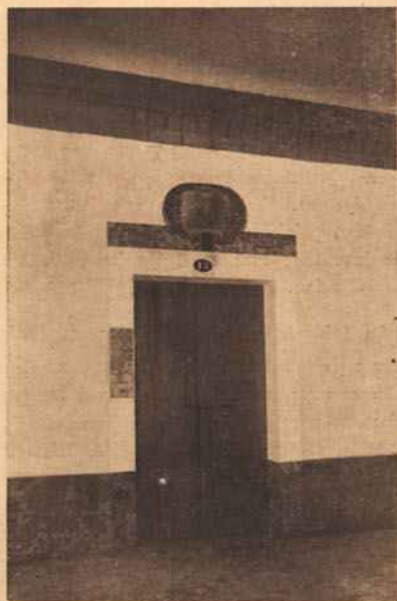
Não se ouvem, contudo, as lágrimas que Camilo chorou... Secaram. Ficaram, porém, substituídas pelo seu espectro, altivo e dominador, que parece desdobrar-se no écran escuro e frio das paredes.

Ê a sua sombra que anda a vigiar o quarto onde, pela primeira vez, o romancista viu a

vizinhança que existe entre a Vida e a Morte. Ali, entre as quatro paredes que o ausentaram da liberdade, subiu, na sua desgraça, até aos mais elevados degraus da alta escada do seu génio. As suas lágrimas, chuva constante no crepúsculo intermitente da sua vida, não resistiram, na verdade, à severidade da prisão. Desapareceram... Ficou, a-pesar-de tudo, a eterna visão do romancista. Ficou a visão dum génio que passou muitos anos a conquistar a glória e que desceu num instante até ao subterrâneo das dôres mais profundas.

Não existe nenhum estranho no quarto número doze. Parece que a fatalidade respeita a memória do mais genial e infeliz dos portugueses de ontem. As duas camas esperam, numa aparência de resignadas, dois criminosos ou dois caluniados... Deviam esperar eternamente. Devia proibir-se, realmente, a permanência, curta ou extensa, de algum prêsso na cela onde Camilo passou os dias dum ano numa constante noite de tormentos. E não me perguntem, pelo amor de Deus, porque razão devia existir essa proibição. O quarto número doze é um livro aberto das torturas mais negras porque passou o homem que disse adeus à Vida com um tiro. Ê um livro que não deve, pois, ser maculado pela presença dos sonhos dum criminoso. Ê um livro que deve ser transformado numa biblioteca das obras de Camilo, e onde, uma vez por dia, entrem tôdas as mulheres condenadas, rezando longos silêncios à obra do homem que percorreu as mais difíceis sendas do Amor!

GUEDES DE AMORIM.



A porta do célebre quarto número 12 da Relação



# ARTE ESPANHOLA

## O SENTIDO CASTELHANO

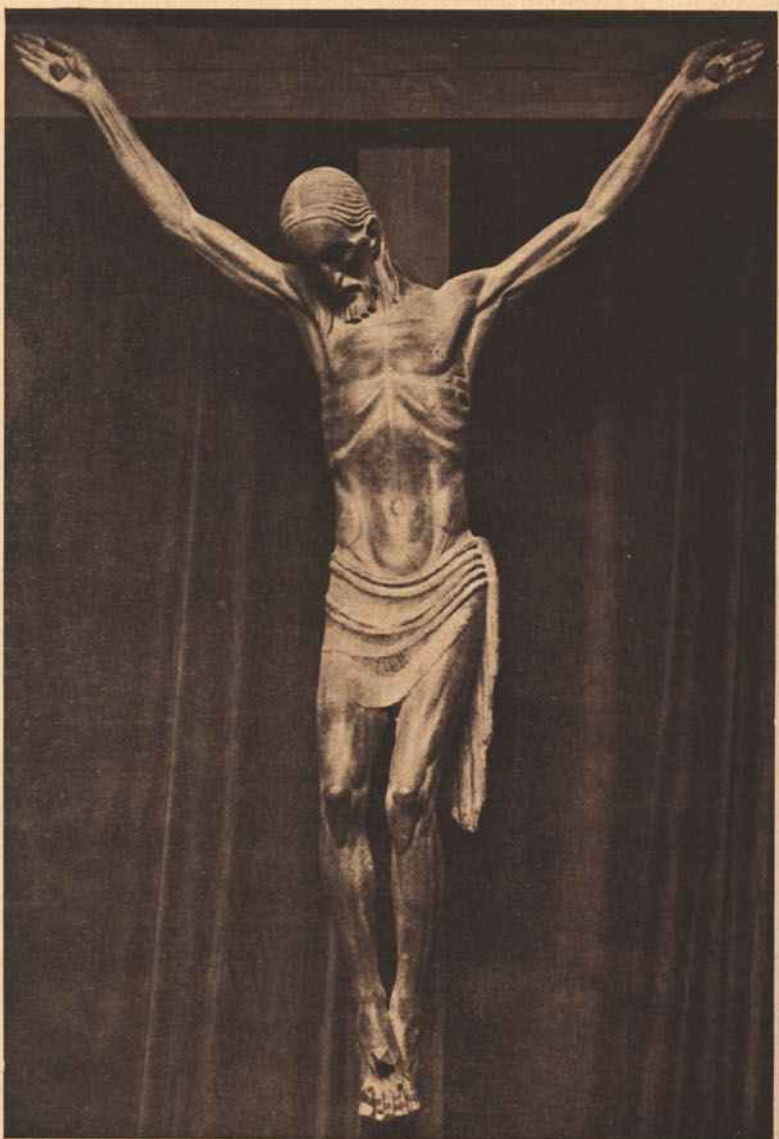
DA OBRA DE

# VICTORIO MACHO

Na história da moderna escultura espanhola os nomes de Victorio Macho e Júlio António marcam uma era de iniciação. Eles foram a modos de vendaval derruindo todo um século de penoso significado artístico, vendaval tão violento e eficaz que converteu reconhecidas possibilidades em gratas afirmações. O caso do falecido Mateo Inurria, por exemplo, cuja obra enveredou por novas sendas como o aparecimento dos moços escultores, é salutar ensinamento para aqueles que, aferrados a malefícios de determinada época, julgam ser desonrosa claudicação dar foros de legitimidade a teorias que o tempo, na sua missão renovadora, vai instituindo como as mais recentes verdades, e, como tais, as que mais se aproximam da verdade eterna. Só assim se demonstra perene juventude espiritual, porque a velhice, já alguém o disse, não é uma questão de idade.

*«La negación aislada es una impiedad. El hombre pio y honrado contrae cuando niega, la obligación de edificar una nueva afirmación. Se entiende de intentarlo.»* Deixemos aí estampado, em descargo de consciência, o leal conceito do mestre Ortega y Gasset — *Meditaciones del Quijote* — que, até certo ponto, justifica a prevenção dos velhos intransigentes. Verdade seja que estes confundem, quasi sempre, o que é viço inovador de juventude com caprichos inconsistentes da infância...

De Júlio António pode dizer-se que ensinou a pedra a falar em castelhano, num castelhano puro, vernáculo, de saber a terra e alma de povo. Oriundo de província catalã, Castela, a Castela incompreendida, dolorosa e infinita foi o manancial onde o seu grande espírito floruiu em arte da mais apaixonada beleza. Mas a morte, levando em período de criação o talento do jovem artista, não deixou que o renovo, já perfeito e exuberante, atingisse o valor universal que mais tarde



Cristo em bronze



Vitória do monumento a J. S. Elcano (pedra)

alcançou a obra doutro grande castelhano, em arte e em nascimento: Victorio Macho.

Buscam-se as causas da inadaptação do espírito castelhano na intrínseca virtude da sua força racial. As características castelhanas — aventa-se — são de facetas tão peculiares e marcantes, vibram em potencial tão elevado que perdem em facultades difusivas. Se a teoria não se deslissesse por si só, proclamando, como proclama, enormes condições de vitalidade, bastava a desmenti-la a imensa difusão que na Europa teve a literatura castelhana do século de ouro. O castelhano influência, mais do que assimila; vence antes de convencer. A nascente brota impetuosa e indomável e vai espalhando as suas águas, não por infiltração, mas absor-

vendo e avassalando. D'ahi a falsa opinião formada.

Foi esta a razão íntima e poderosa que colocou o nome de Victorio Macho ao lado das primeiras figuras artísticas da Europa contemporânea. Tenhamos presente a profunda cultura escultórica do notável artista espanhol. Elementos por ele sãbiamente aproveitados, podem sugerir a leviandade de juízos que acoimem a nossa afirmação de arbitrária e audaz. A receptividade do seu agudo temperamento acusa, é certo, o conhecimento de diversas correntes duma inconfundível personalidade de castelhano puro.

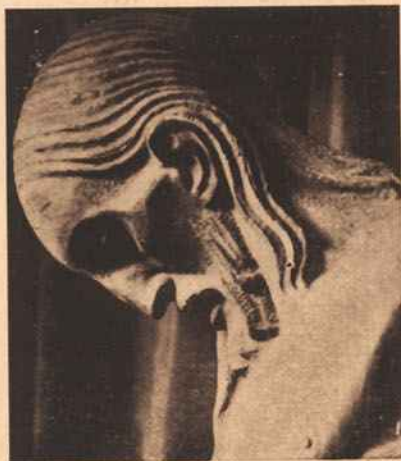
Quem conhecer toda a obra de Macho e a for classificar por ordem cronológica, verificará a transformação gradual dum fiel realismo em exaltada espiritualidade. É assim toda a mística castelhana: fructo de arrependimento. Lavam-se os olhos no céu das impurezas da terra. A alma, num magnífico sacrifício, pôde depurar os impulsos mesquinhos. E os verdadeiros milagres divinos irrompem dos grandes suppliciados.

O D. Quixote, *Nuestro Señor D. Quijote*, como lhe chama Miguel de Unamuno, irmão gêmeo do extraordinário aventureiro, está forjado em exaltação imaginativa, serenidade construtora e mística de redempção. É o maior documento do espírito castelhano que o mundo conhece. E nesta mesma página, em três reproduções de obras de Victorio Macho, encontram-se bem definidas aquelas características raciais.

A *Vitória* — exaltação. A *fonte de Cajal* — serenidade. O *Cristo em bronze* — mística. Vejamos a *Fonte da morte* e a *Fonte da Vida* no monumento ao sábio histólogo. As linhas gregas, precisas, correctas e frias, injectam-se espírito castelhano e deu-se a

conversão de Apolo em Deus, no Deus dos cristãos que sofre por nós e nos prega a voz da verdade.

Na estátua jacente de seu irmão morto, não reproduzida aqui por ser sobejamente conhecida, e que Macho venera como uma imagem viva, dá-se o miraculoso caso duma emoção profunda, daquela emoção de calafrio que convulsiona e fustiga, sem romper uma linha de harmonia, de artística verdade e de beleza. Não devemos esquecer que Victorio Macho maneja o lápis com a mesma mestria com que domina o barro. O desenhador está à altura do escultor. Eis as

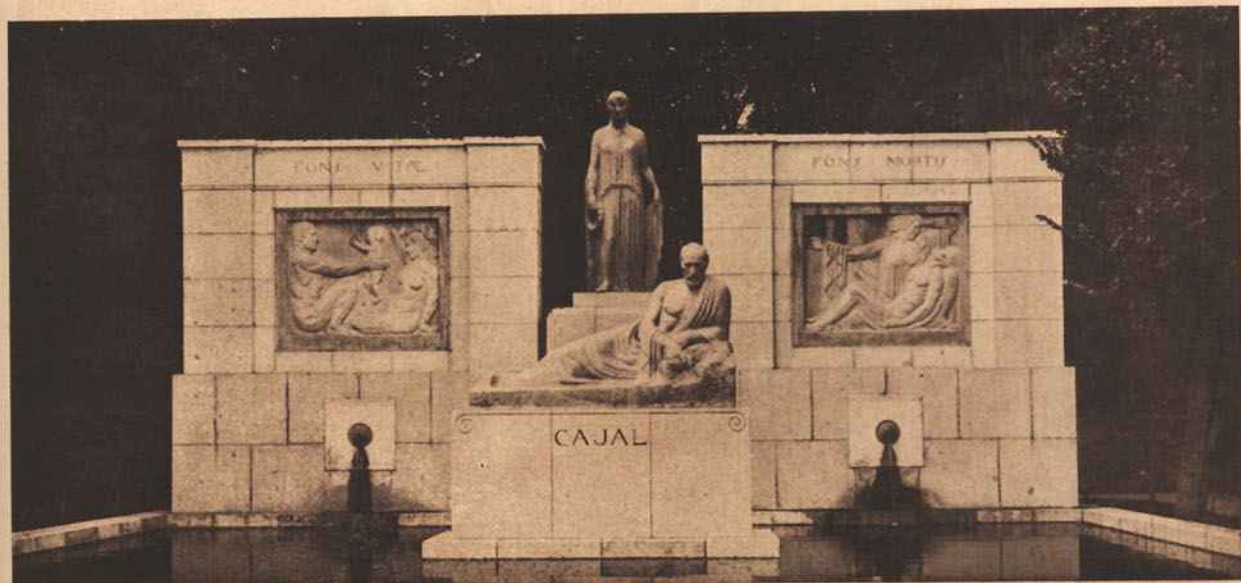


Detalhe do Cristo

causas físicas do miraculoso caso. Há exaltação delirante, sacudidas internas, lágrimas a saltar dos olhos? Desenha, que a exaltação será harmonia, as sacudidas propereções estéticas, as lágrimas ritmo.

Madrid, Outubro de 1928.

NOVAIS TEIXEIRA.



Fonte monumento a Remon y Cajal no «Retiro» de Madrid



# VELASCO

O  
MAGO  
DA  
REVISTA

A passagem por Lisboa da Companhia de Eulógio Velasco é sempre um indiscutível acontecimento de arte. Assim, foi, portanto, a curta actuação da mesma companhia, há dias, no Coliseu. Arquivamos nesta página três aspectos dos surpreendentes espectáculos, e nos dois ovais, em cima Eugénia Zuffoli, e em baixo Maria Caballé, duas «estrelas» scintillantes do teatro ligeiro espanhol.



# UMA GRANDE ARTISTA



«LA GOYA»

FORMOSA «TONADILLERA» ESPANHOLA, QUE O NOSSO PÚBLICO TANTO ADMIRA  
E ESTIMA, E QUE É UM DOS MAIORES VALORES QUE HOJE FULGURAM  
NOS PALCOS DO PAÍS VISINHO



A AVENIDA DA LIBERDADE, À NOITE, COM A NOVA ILLUMINAÇÃO  
(Candelários com lâmpadas elétricas)

(Foto Novais)

# PÁTIOS DE ÉVORA



Évora—a cidade clara, na designação feliz de Manuel de Sousa Pinto—tem ainda, como todo o Portugal, mil riquezas ocultas para descobrir. No labirinto dos seus cantos e recantos, que são fontes de sombras surpreendentes, na conjugação e na intercepção dos planos compositores de efeitos estranhos, no pitoresco rematar dos terraços, no fantástico lançamento das escadarias, no variado recorte das abóbadas, na expressão senhoral e agrícola dos seus pátios cortados de colunelos atarracados ou de fustes esguios, sempre se encontra uma novidade, uma ex-



pressão inédita, uma nota de arte. Topar com ela, fixá-la, reproduzi-la, dá-la aos outros, pertence aos artistas.

Alberto Sousa, um dos audazes e pacientes descobridores de coisas portuguesas que, de cavalete, banco e pincéis, têm corrido o país a pintar em plena rua à sombra do público que se lhe junta em redor, ao abrigo de um portal ou dentro de uma ruína, espreitando por tôdas as frinchas de porta, pernoitando em estalagens medievais, perguntando tudo para saber alguma coisa, trouxe há pouco de Évora meia dúzia de desenhos de um alentejanismo flagrante, reproduzindo aspectos da arquitectura menor da opulenta cidade. São êsses desenhos admiráveis e sentidos, não simplesmente impressos nos olhos mas passados pelo intimo dêle, que eu vou glosar na minha prosa desluzida.

Olhe o leitor para êles.

Os pátios de Évora têm um encanto especial. As escadarias parecem traçadas por um scenógrafo, nunca se perdendo um efeito de sombra ou um pormenor de luz. Adoçadas nos degraus que ascendem suavemente, dobrando-se para variar o golpe de vista, rompendo-se de arcos para que a claridade não deixe de intervir na arquitectura e para que o panorama se não perca, dir-se-iam nascer, desenvolver-se e rematar-se como pequeninos monumentos lavrados por grandes artistas. Na dêste pátio antigo que o leitor vê estampado em primeiro lugar, de uma robustez construtiva que não deixa de ser graciosa, nada falta para o interêsse dos olhos. O pano de parede que a cinge para o exterior, muralhando um terraço, ganha um balanço, cortado em duplo arco, onde a tira de sombra projectada tem um notável efeito decorativo. Repare-se nas linhas de aresta do abobadado, na forma como a coluna exterior do suporte se firma e embebe na base, e, ainda, na elegância com que se resolveu o problema do remate do arco na parte de cima do terraço. Um tolo nada de parede recortada, duas aberturas, e achou-se um efeito. A verdura encantada com a escada,



abraça-a, e, ao alto, um docel de folhagens de vide mantela tôla a obra.

A entrada da «Casa do Padre Lobato» é de uma adorável simplicidade. Um lanço de cinco degraus atinge facilmente o piso do pavimento interior. O abrigo forma-se, como uma «loggia» italiana, de canto, com uma coluna de delgado fuste que sustenta arquitrave, friso, e cornija, corridos, sem o menor lavor. A abóbada denuncia-se pela corcova exterior, alveante de cal. O denticulado de um arco de portal, gótico-moisico, recorta-se à esquerda, ao fundo de um adocelamento de alvenaria. Com tão escassos meios decorativos não se pode fazer mais. É perfeito.



## ILUSTRAÇÃO

O trecho do convento do Calvário, que em terceiro lugar se reproduz, onde o pormenor da tejeleira quebra a monotonia da superficie lisa da parede, entrevista pela arcaria calçada, é um dos evocadores recantos do velho cenóbio eborense que, ainda quasi puro, vai caíndo aos bocados ante o confrangedor olhar das velhinhas que lá moram.

Alberto Sousa quer a esta reliquia claustral como se sua fôsse e os seus pincéis têm-a namorado em longos colóquios enternecidos.

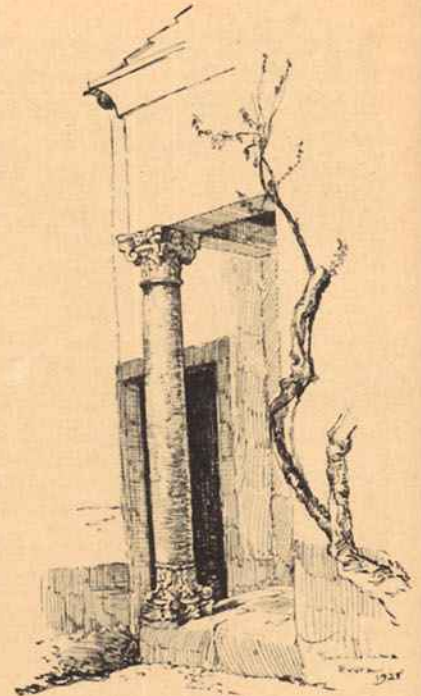
O «Pátio de São Miguel», nomeado nos roteiros como uma das curiosidades da capital do Alentejo, mereceu também ao artista um desenho expressivo. Vê-se a nobreza do édificio acoruchado que remata o escaatório oculto, aguentado nos dois delicadíssimos fustes capitulizados com graça! Vê-se a simples harmonia da abóbada de nervuras cruzadas com o seu fecho singelo! Uma janela, atarracada no risco — quinhentista de aspecto — abre-se no pano da parede, e um pendural de roupa, o pote esbeçado, o alguidar e o resto que se acantôa em baixo, dão à composição um «à vontade» íntimo que lhe não fica mal.

A «Estalagem do Cavalo» é qualquer coisa de teatral — um verdadeiro scenário em que a acção também se pinta. Um jôgo de arcos robustos contrafortados, linhas de abóbada cruzando-se ao fundo, carros, aparelhagem, arceios e os dois actores no primeiro plano,

um mais cidadão, outro mais campónio, de chapélio sôbre o lenço das calmarías, sentado na lança de azinho do carro típico de canudo. A «quadra» deve ser lá para dentro. Não se vê mas adivinha-se, como o cheiro a chaparral e a pastio que deve pairar no ambiente. O Alentejo rescende de todo o quadro; o Alentejo do sol esbraseante e dos largos horizontes que fazem os homens contemplativos e sonhadores, paisagem nobre que apruma as figuras rurais dos cabaneiros e pastores e não as amesquinha como no Minho florido.

Da «Freiria de Cima» ainda o artista nos dá mais dois aspectos: um docel de entrada apoiado sôbre uma esbelta columna compósita e decorado com um tronco contorcido, e um interior de grande nobreza. Neste, mais uma vez, o segrêdo das construções transtaganas se oferece ao nosso exâme. Uma série de planos e de curvas cortando-se e solucionando-se dão ao quadro um pitoresco estranho. A escada em três lanços designais — o pitoresco é inimigo da simetria — atinge o pavimento superior, com os extradôrsos encurvados e indo os degraus a denunciar-se na parede que os ampara para o lado do pátio. A maneira como o último lanço se insere na parede que sobe da arcaria, apoiada numa columna curta de capitel faceado e base boleada, oferece um efeito admirável à projecção das sombras.

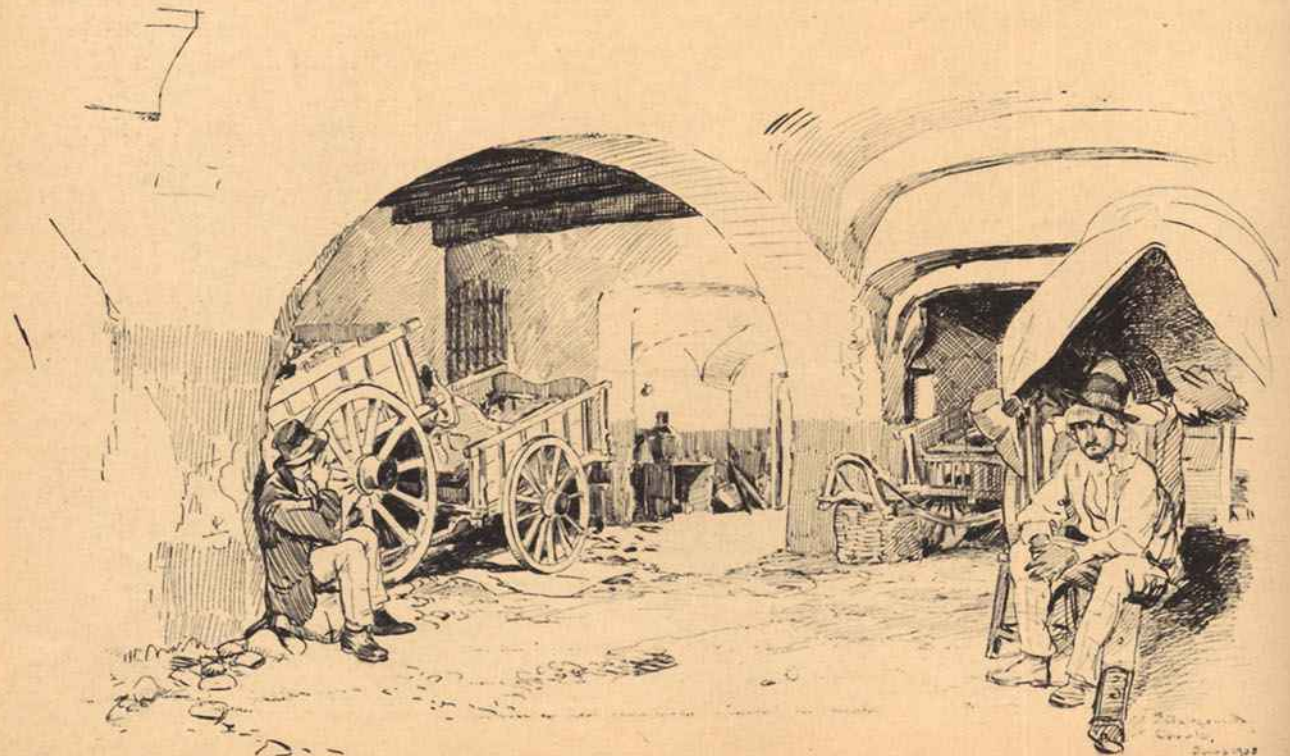
No pavimento, de lages estoiradas, so-



bressai um baú argolado, um pote de barro e outros detritos de arrecadação.

Tais são os desenhos do artista.

Dêstes trechos de architectura menor, de carácter civil, é pródiga a «cidade clara». A série das suas escadarias nobres é notável, começando na do palácio dos Cogominhos



(hoje Hotel Eborense) que é uma maravilha e que, sucessivamente, vai dando ao viajante que a sobe, na impressão solene e solarenga da entrada, na teatralidade da sua traga ou na impressão alacre e deslumbrante do terreiro de arcarias que a fecha, um conjunto de sensações de arte e de beleza. Os pátios, os claustros, as pousadas, os recantos e os arcos, os muros arredados de tejo-leiras deixando ver o céu e os esgrafitos rebocados a côres pela colhêr dos alvencis, tudo se conjuga ainda para encher de interesse a velha cidade do Sul. Os olhos encontram a cada minuto um aspecto inédito, uma surpresa ou um milagre de côr para descedentiar-se da chateza e da banalidade a que estão afeitos. Depois, o alentejano, de largo chapéirão, safões e samarra de abas de pele de ovelha, o capote ou a manta listrada ao ombro, tem uma tal nobreza, que anima, só êle, todo o scenário do burgo, numa síntese magnífica da população da mais bela provincia portuguesa.

O pátio é uma feição característica da casa transtagana, como a varanda alpendrada o é do «domus» do norte. É ali que converge a vida interior, isolando-se do convívio e fugindo à sala comum da praça urbana ou ao «terreiro de encontros» de tôdas as terras do centro e do norte do país. Simbolisa a forma regional do viver alentejano, recolhido, calmo e activo, dentro dos seus muros brancos e da sua clara hospitalidade; transformação do velho pátio moirisco que perdurou, sem profundas alterações, em todo o sul de Espanha, mas que aqui se foi sucessivamente adaptando à curva evolutiva da vida nacional, perdendo o tipo uniforme que a Andaluzia conserva ainda. É uma forma indisciplinada de átrio rural, tumultuosa de planos e de risco, onde os vasos de flores se substituem por alfaias agrícolas e onde os resaltos, escadas, arcarias e colunas, restos de obras antigas, marcam o esforço nacionalizador da construção. Em Espanha o pátio é uma sobrevivência; no Alentejo, uma reminiscência apenas; em Évora, particularmente, um scenário histórico de architectos-scenógrafos.

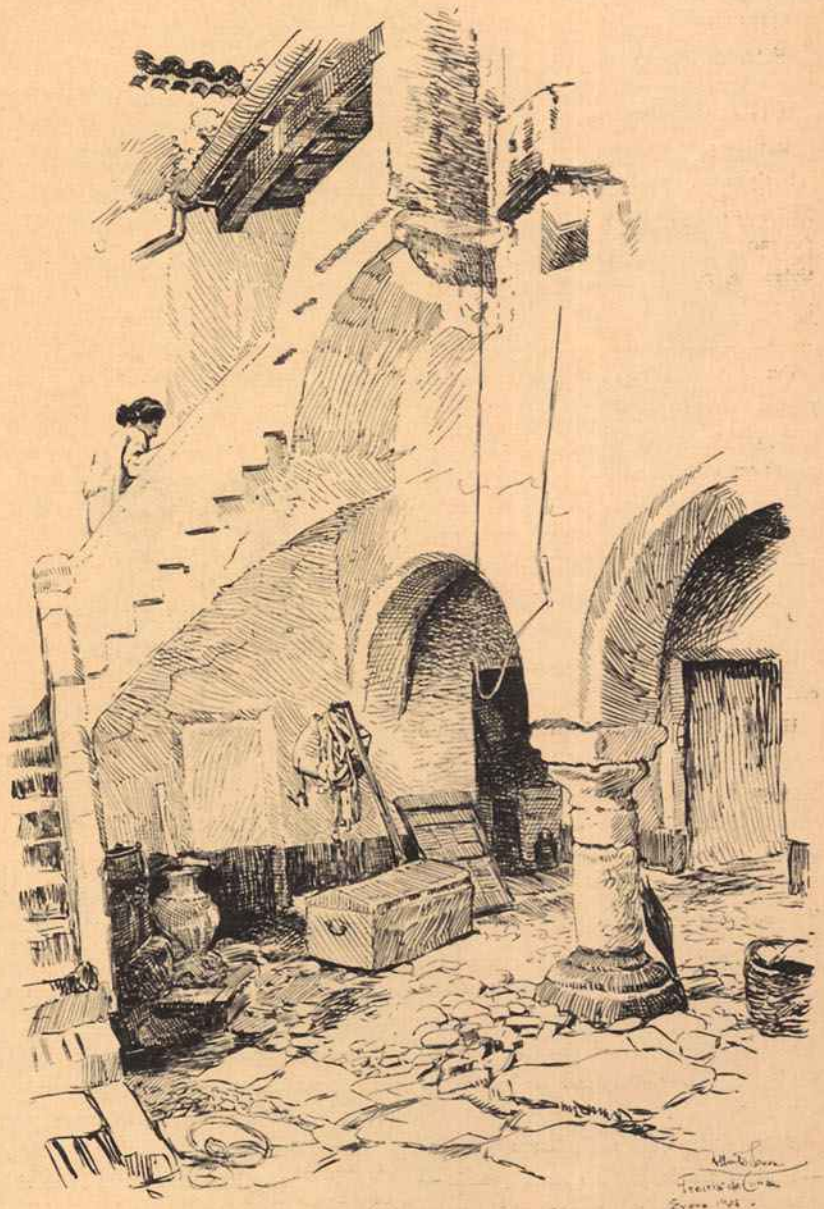
Quando em Sevilha se espregita por um portão de grades, o espectáculo é quasi sempre o mesmo. A civilização e o urbanismo

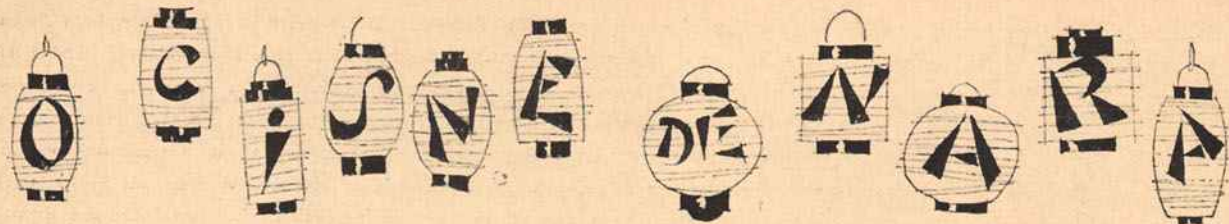
eredito sobre o espirito conservador das velhas formas e dos velhos estilos da construção arabiga, enfileiram-nos em série, como na standartização industrial. São as mesmas grades prateadas, o mesmo trecho de corredor, o mesmo espaço florido de vasos enramados, alindado tudo à moderna, lustroso, polido, embonecado. Nas póvoas transtaganas o scenário do pátio é mais rural do que urbano, e só a ingénita arte popular lhes cria interesses de visão, alheios ao luxo cidadão, na graça espontânea da inventiva rústica, liberal e pródiga em efeitos e motivos que por serem interpretados do antigo tem o condão de nos parecer sempre novos.

Daí o sabor intenso e forte desta Évora miraculosa onde as varinhas de condão da magia alvoroçam a cada momento os nossos sentidos, agitadas por mãos invisíveis, no dâdalo de becos, cantos e recantos em que ela se retalha. O violento azul do céu, a reverberação da cal, a modelagem das alvenarias, os recortes arredados dos muros, os efeitos ornamentais das sombras, são os cinco elementos da architectura alentejana. Com êles se riscam, erguem e compõem estas construções que não «arranham céus» soberbamente, mas que, pelo contrário, tem o condão infável de nos acariciar os olhos.

(Desenhos inéditos de Alberto de Sousa).

MATOS SEQUEIRA.





Num caramanchão de Hybia Park...

Tarde viscosa, pardacenta, em que a neblina escorre, perlando as peonias sangrentas, o fris melancólico, a azálea voluptuosa.

A grama está aninhada, recolhida, espreguiçando-se molemente de encontro às seculares árvores anãs que, nos seus canteiros, mancham a négro o fundo cinza-lilás do parque de linhas sinuosas.

Aproximam-se, andar subtil e cadenciado, duas «ojosan», sorridentes na macieza tufada dos quimonos de sêda clara, olhar curioso, gritinhos de contentamento, abafados em murmúrio pelas ventarolas luminosas.

O alpendre, atapetado de hera e musgo espesso, fica a um canto, no desvio de um dos carreiros em que ondejam quimonos multicôres, e, ao de leve, redopiam as sombrinhas de oleado, com as suas flores escarlates.

Um biombo oculta o «story-teller» que faz a sua «toilette».

Espectativa, ansiedade, satisfação geral nos rostos que riem e murmuram, engelhando os olhitos oblíquos, como que a perscrutarem o disfarce com que se apresentará o saltimbando que há pouco chegou, sobraçando vastos embrulhos de pano, um biombo de encaixe, e fazendo tilintar a campainha anunciadora, presa ao pulso esquerdo por uma correia.

Houve pressa em se reñirem todos sob o alpendre — uma casa de chá, afinal — sem paredes e sem as decorações com que os poetas as fantasiam nos seus livros de viagens.

Sakashita — o redactor do «Kokumin» — que nos acompanhou em passeio por essa tarde viscosa, pardacenta — a meia luz ideal para se compreender o mistério dum parque de Tóquio — descreve-nos a vida singular dos «story-tellers», no seu constante peregrinar pelos lugares de prazer das cidades e aldeias do Japão.

O «story-teller» não passa de um «stroller» — um vagabundo, na melhor expressão — ...Homem que rompe com os seus deveres

## A NARRATIVA DE UM ARTISTA INDEPENDENTE DO JAPÃO

de cidadão trabalhador, desprezando a comunidade, a própria família até, não se fixando em parte alguma, repartindo os «yacu» que arrecada dia a dia com outros vagabundos, com alguma «oiran» por quem está apaixonado, dormindo nos recessos dum templo ou num lupanar. Há-os célebres também, recebidos nas grandes casas, estipendiados pelos grandes senhores, para alegrarem com as suas facécias um festim, um banquete.

Boémio sempre, o «story-teller», mixto de truão, de poeta, de actor, de dansarino, de letrado, de pintor, de filósofo, é, na generalidade, um homem de inteligência e dotes artísticos fóra do vulgar. Fantasia prodigiosa, êle multiplica-se, fazendo simultaneamente os vários personagens de um «nogeï», de uma pantomima, colocando sucessivas



máscaras, desdobrando-se em múltiplas atitudes, ora o cínico ou o herói, ou até uma comparsaria figurada cuja presença êle nos revela pelas contínuas modulações da voz.

Sons espaçados de castanholas avisam a audiência de que vai começar a função.

Já outros passeantes do parque se juntaram, sentando-se em redor, sôbre os calcanhars, e, muito cómodamente, como se o fizessem sôbre fôfas almofadas.

Mas a terra está húmida n'essa tarde viscosa, pardacenta, em que a neblina escorre,

perlando as peonias sangrentas, o fris melancólico, a azálea voluptuosa...

Fecha-se o biombo, e, ante os nossos olhos, surge o «story-teller» no «travesti» de uma velha «gueisha», a face aos riscos nêgros, semelhando talvez as rugas da idade.

Um «shamisen» partido que desfere sons desafinados...

Impressão de pobreza, de miséria...

Agachou-se, olhar perdido, baço, em atitude de quem evoca com esforço um facto, uma data. A voz gutural teima em acompanhar os sons desafinados do «shamisen». A scena é afflictiva. Olhamos em redor... Há lágrimas aos cantos de uns olhos nêgros como a noite... Sakashita emudeceu, de impressionado que está. Mas nós não percebemos, e queremos saber a história vivida pelo «story-teller»...

Uma velha «gueisha» que recorda o Passado... os seus amores com um poeta, filho de «samurai».

Êle partira para a guerra... na China... Ela era célebre... endoidava a mocidade do seu tempo...

...Chamavam-na o «Cisne de Nara»... Era natural de Nara, a formosa «gueisha», que nos treze anos resolveu abandonar a casa paterna para seguir um bando de bufarinheiros.

O «story-teller» faz o «racconto» dos quietos dias de infância... A velha «gueisha» tem agora atitudes de menina, compondo o cabelo ante o espelho. Percebe-se, sem palavras, o ensaio dos primeiros passos, dos primeiros gestos... E toda uma lição de dança a uma principiante se estabelece. Distinguímos sem esforço a voz da mestra matrona e a da pequenita, a aprendiz. Fortes acordes no «shamisen» fazem a transição. E a narrativa anterior prossegue...

...«Cisne de Nara» é já célebre. Da cintura desprende-se-lhe uma bolsa que espalha pelo chão moedas doiradas e pedras faiscantes.

Altiva, olhando para essas riquezas aos seus pés, a «gueisha» tem um sorriso de triunfo. E vêmo-la rodopiar em vertigem

como se a sua alma precisasse de se aturdir... dança frenética... até que a fadiga a atira para um canto, anhelante.

Os espectadores gostaram. Leve murmúrio de aprovação enquanto o «story-teller» des-



cança. Como que o intervalo de uma peça... Mas daí a minuto, novos acordes de «shamisen» dão começo à segunda parte.

A leitura duma carta... leitura interminável mas que deve ser de muito interesse, pois que todos os espectadores levantam a cabeça, em atenção crescente.

...Notícias tristes. — A «gueisha» tem uma lamúria arrastada na voz — O noivo que ficou prisioneiro dos chineses e que vai ser condenado à morte.

...Vemos depois a «gueisha» rojar-se no chão e fazer uma prece aflitiva. A voz adquire todas as cambiantes de ternura, de receio, de súplica... o corpo estremece-lhe como se fôsse um bambú agitado pela ventania...

Passaram anos. «Cisne de Nara» dança, ainda no apogeu. Novos amores... viagens... mais riquezas.

Numa festa para que fôra convidada, «Cisne de Nara» encontra o amante que ela supunha morto... Vai para falar-lhe mas êle repele-a.

O «story-teller» agita-se agora num diálogo bem distinto e veemente. Uma súplica...

Uma invectiva... Luta imaginária que remata com um grito angustiante, prolongado, infinito.

A audiência sobressalta-se. Há mulheres que se levantam de um ímpeto. Sakashita, ao meu lado, sossega-me...

Aquele grito é da peça... foi a dor causada por um frasco de vitriolo que o amante lhe atirou ao rosto...

...Compreendo então os traços negros que riscam as faces do «story-teller» no seu disfarce de velha «gueisha».

Nova pausa para que o saltimbanco descanse. Levantam-se algumas «gueishas» que, piedosamente, vão depor moedas de prata numa bandeja que o artista, cauteloso, colocára perto do biombo, num almofadão em que se vê pintada uma cabeça de Hokusai.

E daí a pouco, o epílogo da história:

A «gueisha» envelhece a sofrer. Esconde-se de todos no orgulho de quem foi radiosamente bela. A fortuna imensa desfez-se, pouco a pouco. Ninguém sabe se «Cisne de Nara» ainda existe.

Da sua casita de papel, que um passarito alegre, vê o que se passa na casa fronteira, um palacete meio japonês, meio europeu onde habita uma colmeia de «gueishas».

O «story-teller» descreve o desespero de «Cisne de Nara», ouvindo cantar e dansar. Pega no «shamisen», desferindo notas doloridas. O corpo alquebrado já não pode executar o rodopio em vertigem que a transfigurava...

Tropeça, tomba no chão para logo após recomeçar, mais caçada e ainda mais desiludida...

...É a tragédia da artista que se sente impotente para exercer o encanto da sua arte, vive, intensa, nessa metamorfose do saltimbanco anónimo.

Anoitece. Hybia está imerso em sombria tristeza. Acendem-se lanternas fosforejantes nos recessos do parque.

No palco improvisado, quimonos que se esfrangalham, que se amarrotam, que se contorcem, que riem, à medida que o «story-teller» os pisa, na pressa de tirar os disfarces para poder falar ao público.

Uma face de idiota... uma mão que subtilmente arrepanha as moedas da bandeja...

«Sou um vagabundo! Tenho por telhado da minha casa o céu, aonde dorme a Senhora Lua e por soalho a húmida terra de onde rebentam as flôres! Reconhecei, senhores, que a minha casa é mais vasta e mais bela que a vossa! Eu conto-vos as velhas histórias do velho Japão na mais elevada e mais pura linguagem que vos é dado ouvir. Pagaí, pois, êsses instantes de encantamento. O pobre vagabundo ficará triste se não fôrdes gentis para com êle...»

Palavras de saúdação, partem da audiência, já em debandada. Tiliintam «yen» na bandeja.

O «story-teller» faz agora uma sorte com

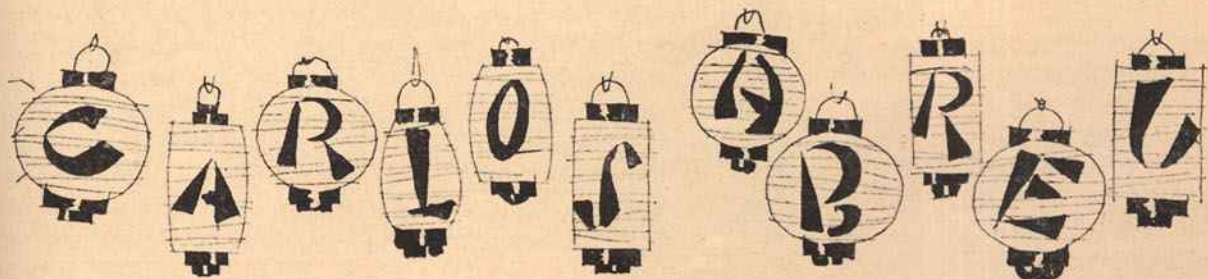


um pano de sêda amarela e uma pluma de avestruz...

«Sensacional «performance» em agradecimento à bondosa assistência que aplaude os artistas independentes do velho Japão...»

Saimos. Anoitece. Hybia está imerso em sombria tristeza.

Lisboa, Julho 26 de 1928.







Crezzy and Janou, os simpáticos bailarinos portugueses

Há poucos anos ainda que, ao anunciar-se um bailarino, uma bailarina, um par de dançarinos, todos sabíamos que se tratava de artistas estrangeiros. Bailarina e espanhola eram quasi sinónimos. Um par de dançarinos de salão ou vinhá de França ou pelo menos da nação vizinha senão da Argentina longínqua dos tangos dolentes e arrastados, Duque e Gaby, um brasileiro e uma francesa foram os dançarinos de

tou todos os públicos e a quem dedicaremos um artigo dentro em breve. Com êle surgiu uma nova camada de bailarinos portugueses embora, na quasi totalidade, commercialmente cris-



Lubélia Sticini e Jacko

maior êxito da sua época e logo depois, surgiu enfim, o primeiro par de bailarinos portugueses, Charly e Silva, que em Paris obtiveram êxitos incontestáveis. Foram êles os iniciadores. Logo começaram surgindo as várias tentativas de baile português ou pelo menos de interpretação coreográfica da parte de portugueses, tôdas indecisas até à aparição ruidosa duma grande revelação, o bailarino Francis, um artista maravilhosamente dotado que, quasi milagrosamente conquis-

# BAILARINOS PORTUGUESES

mados com nomes estrangeiros. Nesta página surgem alguns d'êles. Lubélia Sticini é já, sem dúvida, uma grande bailarina. A sua presença nos palcos de teatro ligeiro, nos curtos intervalos de mudança de scenas é sempre um successo. Apetece vê-la entregar a obra mais alta e mais completa. Prova de que assim deve ser é a interpretação repentina que a gentil Lubélia deu ao difficil «Amor Brujos» de Falla, ao lado de Luis Turcifal, um coreógrafo também português, cujas aspirações artisticas e preparação intelectual o põem para além destas apreciações. Sticini só ou com o seu «partenaire» Jacko, outro português, tem sempre do público uma incondicional admiração. As outras fotos desta página referem-se a um par



Lubélia Sticini



Lubélia Sticini

de artistas inmensamente simpáticos e duma encantadora modéstia que, pelo seu próprio esforço artistico tem conquistado uma invejavel perfeição e uma categoria interessante no seu género, tendo mesmo, recentemente, na maior sala de espectáculos da capital, e em confronto com famosos artistas estrangeiros, ganho as suas esporas de ouro, conquistando um merecido successo. Crezzy and Janou é a firma artistica d'êstes dois portugueses que, decerto, aqui e lá fora serão apreciados como bailarinos perfectíssimos e duma sóbria elegância.

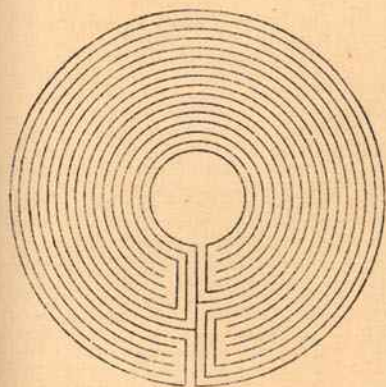


Crezzy and Janou numa dança excêntrica



# Passatempo

## LABIRINTO



Haverá algum leitor que seja capaz de achar o caminho, por onde chegue ao círculo interior d'êste labirinto?

Pomos o caso em muita dúvida.



## MUITO PREVIDENTE

O marido chegou a casa às sete horas da tarde como de costume. Trazia uma expressão prazenteira, que a mulher notou com satisfação.

Jantaram e depois de ter acendido o cigarro, disse com um sorriso:

— Olha lá, minha querida, não tens nada capaz de vestir, pois não?

— Não tenho, não, meu filho — respondeu logo a esposa com vivacidade. Nem um trapo, com o qual não fôsse uma vergonha apresentar-me em qualquer parte. O meu vestido de noite mais moderno, já foi usado quatro vezes.

O marido puxou uma grande fumaça do cigarro, antes de responder com ar satisfeito:

— Pois foi isso, justamente, que eu disse ao Pereira quando ele me ofereceu dois bilhetes de teatro para esta noite. Já sabia que não aproveitava ambos, por isso só fiquei com um. E deixa-me ir, que são horas.



## JOGO LUCRATIVO

O pai: — O Chico, não me mintas. Já viste alguma vez o namorado de tua irmã dar-lhe um beijo?

O Chico: — Não posso faltar-lhe à verdade, papá. Foi até dessa maneira que eu apanhei o meu aparelho de telegrafia sem fios.

## ETIQUETA

O tio: — Então, Clarinha, vamos outra vez ao Jardim Zoológico, visitar os macacos?

Clarinha: — Não, tio! Ora essa, agora são eles que nos devem visita!



Anibal (depois duma longa pausa). — Parece-lhe que ainda um dia se há de furtar de mim?

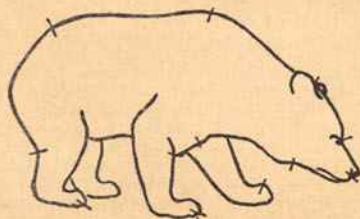
Gabriela: — Não vejo razão nenhuma para que tal não aconteça.



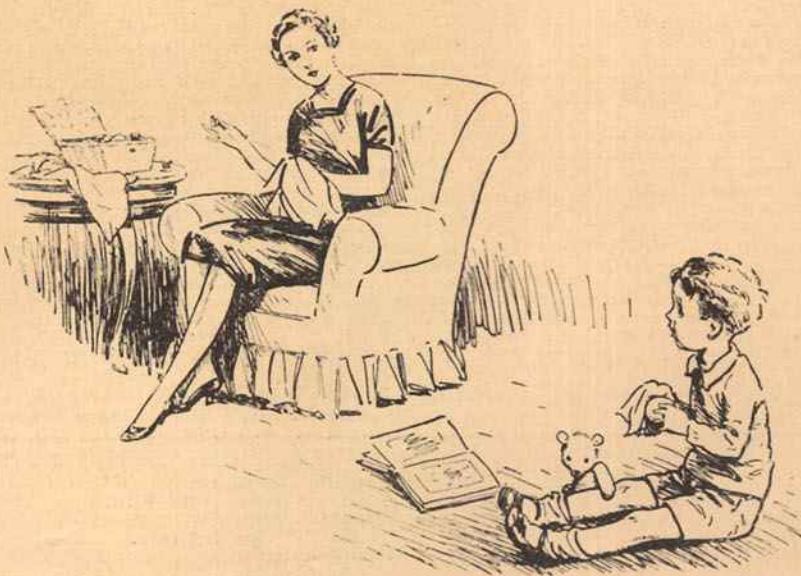
## UMA EMBRULHADA DE GARATUJAS

(Solução)

Aqui está o animal muito bem desenhado e bastante conhecido, o qual é um urso polar, trazendo ainda por todo o contorno, si-



mais indicativos da ligação a que as diversas garatujas tiveram de submeter-se, para nitidamente o constituírem.

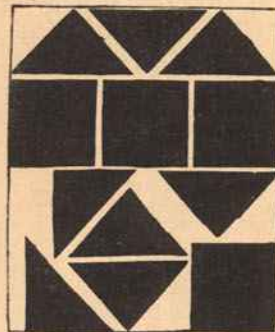


— O filho, não lances a maçã com o teu lenço de assoar!  
— Não faz mal, mamá; o lenço já era sujo.

## PACIENCIA

Com os quatro quadrados pretos, e os oito triângulos, que estão representados na figura, construir um quadrado perfeito.

Recortam-se as diferentes peças, pelos traços brancos, ou melhor ainda, desenha-se



esta mesma figura sobre cartão, na escala em que está ou noutra qualquer, mas conservando-lhe exactamente as proporções. E, recortadas do cartão as doze peças componentes, procede-se com elas às tentativas necessárias, para efectuar a paciência.



— Aqui tem a fotografia dos meus dois filhos gémeos...

— Mas... só vejo um!

— É que... como são iguais... não valia a pena retratar os dois!...

# BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA

CLAIRE GOLL



Romanista de belas qualidades, que acaba de publicar *Le Nègre Jupiter* (12 fr.). Nesta obra prova-se que é extremamente difícil o acôrdo durável entre sêres de raças diferentes.

OBRAS PUBLICADAS EM FRANCÊS

*Tragédias do Ghetto*, por Israël Zangwill. Talvez os melhores contos que a pena do grande escritor produziu. Há bons e maus judeus, fazendo estes mais dano e afronta àqueles do que, afinal, os maus cristãos. Esta é a moral que se desprende destes cinco contos, através dos quais conseguimos penetrar na vida profunda dum povo que tão cioso se mostra dos seus segredos. 18 fr.

*Miriam*, por Josné Jéhouda. Outra obra de ambiente hebraico. É a continuação do volume intitulado *De père en fils*, pelo que constitui o 2.º tomo de *La Tragédie d'Israël*. Há aqui um jôvem que, renegando as tradições da raça a que pertence e que é a judaica, alcança a riqueza em Paris. A tuberculose surpreende-o, porém, e ele vai em demanda da saúde para um sanatório suíço, onde encontra Miriam, sua compatriota, a qual o reintegra na alma israelita. Como o livro de Zangwill, este descobrenos factas ignoradas da psicologia dos judeus. 12 fr.

*La Vallée du Silence*, por J. O. Curwood. Tradução de Luis Postif. Um admirável conjunto de elementos romanescos vamos encontrar neste livro de aventuras. No seu início surge-nos um enigma que até final se mantém impenetrável, pelo que o interesse da leitura página e página se aguçá mais. Mais uma vez aqui nos é pintada a solidão das terras do Canadá, mais uma vez essas figuras vigorosas, nascidas para a heroicidade e para a abnegação, que povoam em grande número os outros romances do autor, nos arrastam consigo para peripécias que, sendo extraordinárias, não são, todavia, inverosímeis. 12 fr.

*Le voyage imprévu*, por Tristan Bernard. Com prazer se faz sempre a leitura das aventuras policiaes imaginadas por Tristan Bernard, cujos dons de narrador são inimitáveis. Neste livro esses dons estão bem presentes e dão ao entrecho do romance um movimento bem difícil de encontrar em qualquer outra fábula. 12 fr.

*Noblesse de robe*, pela Princesa Bibesco. A

pena aristocrática que produziu *Catherine-Paris* entrega-se nesta sua última obra a focar também um dos meios mais parisienses da Cidade-Luz: o das obreiras da costura. Páginas inteligentes e sensíveis, inspiradas na visão dos grandes salões da moda, pelo que o livro se recomenda sobretudo aos leitores femininos. 12 fr.

*Fièvre jaune*, por Simone Tery. Reportagem dum viagem à China, feita por uma mulher nova e inteligente. Impressões vivas, informação copiosa e verídica sobre um país que, por diferir tanto, na sua mentalidade e nos seus costumes, do continente europeu, tem sempre para qualquer nós o seu muito de esfingico. 12 fr.

*MANHATTAN-TRANSFER*, por John dos Passos. Os dois volumes desta obra desenrolam-nos sob os olhos animadas vistas da vida de Nova York, pequenos quadros lútimos, uns grotescos, outros dolorosos, que, afinal, nos convencem de que os americanos não são, como muitos insinuam, meras máquinas de ganhar dinheiro, mas sim homens como os outros, amando e sofrendo como é próprio de toda a humanidade. 24 fr.

ANTHOLOGIE DE LA POÉSIE ITALIENNE CONTEMPORAINE, organizada e traduzida por Lionello Fiumi e Armand Henneuse. Obra excelente para ficar numa estante ao lado do *Panorama de la littérature italienne contemporaine*, de Benjamin Crémieux. O método seguido é perfeito, dando-nos a obra, mercê dêla, informação ampla sobre as mais modernas, as mais avançadas correntes da poesia italiana, dentro da qual já o futurismo passou para segundo plano. Assim, ficamos sabendo o que é o crepuscularismo e o vanguardismo, através dos seus poetas mais representativos, que são Sandro Baganzani, Annunzio Cervi, Guido Gozzano, Aldo Palazzeschi, Lionello Fiumi, etc. 21 fr.

*Mémoires de la Comtesse de Kiehmanssegge sur Napoléon I.º*. Tradução do alemão por Joseph Delage. Quem era esta Condessa até agora quasi desconhecida? Ela nasceu perto de Dresden em 1777 e seu pai era uma das figuras mais poderosas da corte de Saxe. Infeliz nos dois casamentos que fez, muito rica e muito formosa, foi para Paris, onde Napoleão a notou, empregando-a então nas suas intrigas políticas. Admiradora apaixonada do Imperador, amiga também de Josepha e de Maria Luisa, a sua assiduidade na corte das Tuileries permitiu-lhe deixar-nos dos seus costumes um quadro muito interessante. 36 fr.

*Letras à Hans de Bülow*, por Richard Wagner. Tradução de Georges Kluopff. Prefácio do prof. Jean Chantavoine. Conhecida é a tragédia doméstica evocada por estes nomes: Wagner e Hans de Bülow. Este, amigo e discípulo do grande músico alemão, viu aquele roubar-lhe o amor da mulher e mesmo assim se manteve ao serviço dêle, pondo acima dos seus sentimentos de homem a sua paixão pela arte. As cartas que Wagner escreveu a Bülow alguma coisa nos desvendam sobre o estranho caso. 12 fr.

*Le Cabaret de la dernière chance*, por Jack London. Tradução de Luis Postif. Este livro tem como subtítulo *Mémoires d'un buveur*. Já sabíamos que Jack London era um alcoólico, mas a maneira como êle adquirira êsse terrível vício que, afinal, foi a causa da sua morte prematura, desconheçamo-la ainda, pelo menos nas côres mais cruas dessa iniciação criminoso, na idade infantil. Nesta páginas, cheias de emoção, êle nos põe na intimidade dêsse drama. 12 fr.

*Les Peintres modernes (le paysage)*, por

John Ruskin. Obra de singular penetração crítica dum mestre de estética. Páginas fortes, que se lêem com encanto. 16 grav. hors-texte. 25 fr.

*Morceaux choisis*, de Marcel Proust. Prefácio de Ramon Fernandez. Autologia que não pretende substituir-se à própria obra inteira daquelle que muitos críticos consideram o maior romancista dos nossos tempos, servindo, pois, e servindo bem, apenas os que queiram e precisem fazer a primeira idéa, de ordem geral, sobre os livros que Proust legou, idéa que lhes servirá de preparo para a leitura total e profunda dum espécie de literatura que, mesmo aos que mais a têm frequentado, não deixa de apresentar pontos obscuros. 13 fr. 50.

*Fidélité Bigorne*, por Georges Bernanos-Runcio. Uma obra do consagrado autor dos *Amanis de Verdun* e que, pela novidade do seu assunto, despertará vivos comentários. 6 fr.

*Le Mauvais Sort*, por André Beucler. Destas páginas se conclui que tudo no mundo, seja o bem seja o mal, tem por origem a mulher. 12 fr.

*Le Devoir de vivre*, por Paul Brulat. Este é o romance que o próprio autor declara ser o melhor de todos quantos tem produzido o seu talento vigoroso e fecundo. 30 fr.

*Rastratchiki*, por Valentin Kataev. Romance traduzido do russo por André Beucler. Trata-se dum espécie de film da vida soviética, film pleno de graça, de ternura e de aventuras. 12 fr.

*L'Élixir de longue vie*, por Krijanowskaia. Outro romance russo, cheio de interesse, traduzido directamente para a língua franceza por Marc Sémenoff. 8 fr.

*Tachkent, ville d'abondance*, por Alexandre Néviérov. Outro moço romancista russo, aqui traduzido por Brice Parain, nos dá a conhecer este livro. 12 fr.

*Les Heures de Pourpre*, por Alberte Solomiac. Romance que nos convence de que o coração da mulher tem o seu quê de semelhante a um grão de incenso: só quando queimando exalta o seu perfume. 10 fr.

*Ma vie et la Psychanalyse*, seguido da *Psychanalyse et Médecine*, por Sigmund Freud. Traduzido do alemão por Maria Bonaparte. Obras capitais para a compreensão das célebres doutrinas do sábio austríaco. 11 fr.

*Cœurs ennemis* — I. *Laquelle?* II. *Orelita*, por Dely. No imponente quadro dum residência senhorial da Inglaterra, Dely situa um drama que, do começo ao fim, mantém o leitor em ardente curiosidade. 10 fr.

*L'Étincelle*, por Walter F. White. Tradução do inglês por Humbert-Zeller. Romance que nos mostra os brancos e os negros julgados por um homem de côr. 12 fr.

*Le Guérisseur*, por René Laporte. Obra comovente que está obtendo um notável êxito de critica, pelo alcance do seu tema, o qual passa as fronteiras da literatura. 12 fr.

*L'été de la Saint-Martin*, por Henri Bachelin. Romance que nos põe ante os olhos um caso de amor na idade ontanal, quando já a luz crepuscular desce sobre a vida. 12 fr.

*Le Point du Jour*, por Claude Aveline. Romance dum novo escritor. 12 fr.

*Les Chansons et les Heures*, por Marie Noël. Poesias dum grande beleza lírica. 20 fr.

*La Littérature Française Contemporaine*, por Marcel Braunschvig. Obra de larga erudição e de absoluta imparcialidade. É uma verdadeira antologia, organizada a partir de 1850, das letras francezas. 13 fr. 50.

*Un homme chez les Microbes*, por Maurice Renard. Viagem curiosa contada por um dos mais talentosos romancistas. 12 fr.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tôdas as informações ás consultas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

## ASSINATURAS DA ILUSTRAÇÃO

	Trimestre	Semestre	Annual		Semestre	Annual
CONTINENTE E ILHAS...	22\$00	43\$00	84\$00	ESPAÑA...	47\$00	92\$00
Registados...	24\$40	47\$80	93\$60	Registados...	51\$80	101\$60
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL...		49\$00	96\$00	BRASIL...	52\$00	102\$00
Registados...		53\$80	105\$60	Registados...	61\$60	121\$20
INDIA, MACAU E TIMOR...		53\$00	104\$00	ESTRANGEIRO...	63\$00	124\$00
Registados...		57\$80	113\$60	Registados...	72\$60	143\$00

NÚMERO AVULSO 4\$00

Diccionario  
Prático  
Ilustrado

# Diccionario Prático Ilustrado



Famão real do volume

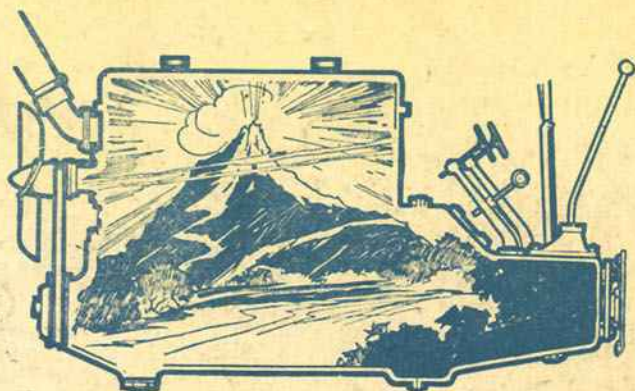
DICCIONARIO ENCICLOPÉDICO  
LUSO-BRASILEIRO

publicado sob a direcção de JAIME DE SEGUIER  
(Segunda edição revista)

LIVRARIA CHARDRON de Lelo & Irmão, Limitada — Editores  
141 — Rua das Carmelitas — PORTO  
DEPOSITÁRIOS EM LISBOA :

LIVRARIAS AILLAUD e BERTRAND — R. Anchieta, 25

Língua portuguesa, Artes, Letras, Ciências, Sinónimos, Termos brasileiros, Locuções latinas e estrangeiras. Mais de vinte mil artigos de História, Biografia, Geografia, (particularmente de Portugal e Brasil). — Notícias bibliográficas relativas às obras capitais de todas as literaturas, especialmente da portuguesa e brasileira. — Mitologia, Monografias de obras de arte famosas. — 6.000 gravuras distribuidas no texto, 110 quadros enciclopédicos, 1.000 retratos de individualidades célebres, 90 mapas geográficos, 8 mapas a cores, etc. — Preço do volume encadernado, 45\$00. Pelo correio, registado, mais 4\$50.



**TABELA  
DE  
RECOMENDAÇÕES  
(PARCIAIS)**

As indicações seguintes referem-se a carros de passageiros.

Asignatura Gargoyle Mobiloid, S.

MARCAS	TIPO
A. C. 16 cil. 12-35 H. P.	A
Alfa Romeo	BB
Amoeb (4 cil.)	A
Autobus (16 cil.)	BB
Autobus (8 cil.)	A
Buick	A
Chrysler	BB
Chrysler	A
Chrysler	A
Chrysler (Imperial 80)	BB
Chrysler (Imperial)	A
Citroën B 14, B 15	A
Dodge Brothers	A
Dodge	A
Essex	A
Ford	A
Ford (8 cil.)	BB
Ford (outras modelos)	A
Ford (modelo A)	A
Hudson	A
Hummel (6 e 8 cil.)	A
Jeep (15 cil.)	BB
Jeep (4 cil.)	A
Packard (6 e 8 cil.)	A
Packard (outras)	A
Pontiac (5 H. P. Quadrilite)	BB
Pontiac (outras modelos)	A
Reo (6, 8, 10 H. P.)	A
Reo (outras modelos)	BB
Studebaker	A
Studebaker	A
Wagner	A

Esta Tabela de Recomendações foi compilada pelas recomendações da Seção de Automóveis da Vacuum Oil Company e representa o nosso conselho profissional sobre lubrificação de Automóveis.

**Transmissão e Diferencial**

Para a lubrificação veja-se no Gargoyle Mobiloid S. C. os Mobiloides indicados nas indicações contidas na Tabela seguinte.

## Cuidado com a Lubrificação!

Os motores dos automóveis sempre funcionaram a altas temperaturas; nos motores modernos essas temperaturas são mais elevadas do que nunca.

Nestes últimos anos o regime médio de um motor passou de 2.000 a 3.000 rotações por minuto, o número de explosões aumentou proporcionalmente e os pistões movem-se muito mais rapidamente, produzindo temperaturas de funcionamento muito mais elevadas.

As qualidades e tipos de óleo que serviam nos motores mais lentos não servem para os motores modernos, pois já não fornecem a margem de **segurança** necessária para satisfazer as exigências dos motores atuais.

A maneira que se tem aperfeiçoado os motores, também os nossos tipos de MOBILOIL tem sido aperfeiçoados.

Se a marca do seu automóvel não vem incluída na Tabela parcial ao lado, pode V. S.<sup>a</sup> pedir-nos um exemplar gratuito do nosso folheto "Como cuidar do seu carro" onde encontrará a nossa Tabela de Recomendações completa, e muitos conselhos úteis ao automobilista que quer poupar o seu carro.



# Mobiloid

Guie-se pela nossa Tabela de Recomendações



## Vacuum Oil Company